

GABRIEL  
TORRES



VIDAS  
FLUVIAIS



# **VIDAS FLUVIAIS**

**Romance**

**Gabriel Torres**

“Sabe, Pedro, quantas histórias de amor já me contaram e eu acreditei? E você, também ouviu muitas? Em quantas acreditou? Por isso quero você, um rosto para acariciar, um gemido para abafar, um sonho para acreditar, uma boca onde possa encostar meus lábios”

Franck Santos in *Os blues que não dançamos*

“A sensualidade tempestuosa me atormentava ao mesmo tempo em que me entorpecia. Eu estava perdido, louco, perdido (...)”

Wellington Ruan in *Infinito quase*

Para todos os que foram impedidos de amar  
Para todos que choram seus lutos

O litoral era uma mata de árvores pesadas e praias de ondas violentas. Ou o litoral era uma imagem milenar de amor e comunhão entre os homens. Ou o litoral era um ser substancial que deixava ser tocado pelo ardente amor de dois jovens homens. Ou o litoral é luto do pai morto. Ou o litoral é o peito limpo de um pescador embriagado e sozinho. É uma onda que bate violentamente na praia. É noite. Escuro. Os dois descem da moto e deixam suas mãos se tocarem. Ficam em silêncio. O besouro lhe olha com atenção. Se sente fraco, mas não morrerá. Ainda precisa percorrer um caminho longo. Ainda viverá um calendário confuso. Haverá dias que o besouro será apenas uma pedra, outros dias ganhará a forma de um tronco, em outros, uma sombra na parede do quarto. Será um vaso de planta, uma xícara de café, um chocolate quente, um passeio na praia, uma viagem de barco e haverá dias que deixar de existir por horas a fim. Mas é um fio tecido, cheio de nós fortes. Mas não faz só bem e nem só o mal. É o caminho. Olha com atenção, se sente fraco, mas não morrerá. Silêncio

A casa não tem mais a mesma alegria, nem o sol que queimava com ciúmes o pátio, tampouco as paredes e o pequeno jardim ao seu lado, com flores coloridas. Com o luto, nela habita uma música que percorre seu interior, tornando silenciosa suas estruturas e fundação. Ninguém percebe, mas tudo se ouve, a música se faz presente, coloca um por um para dormir um sono pesado.

A casa apresenta rachaduras, tábuas afastadas, goteiras no telhado. A sobrinha de Ítalo estava quieta, o coração de Ítalo estava quieto, todos quietos, sentada na poltrona vermelha que pertenceu a Ivan, a menina permanência. Ingrid ainda era muito pequena para entender algumas coisas, sentia a tristeza, não como os outros, talvez, só a sua própria.

O café não falta na mesa, ouve Ítalo a voz de sua mãe vindo da cozinha, é acordado do breve pesadelo, do sono é despertado, mas ao despertar tudo ainda é tristeza, algo ainda mais forte acordava nele, e parecia querer dominar seu corpo: era o café, o amor da mãe que lhe invadia por dentro, a xícara em suas mãos parecia leve, cor opaca, seus dedos estavam ressecados e toda a sua pele parecia de areia, seu semblante rastejava por sofrimentos, nada mais tão disperso, olhava para o lado, só via a imagem da mãe, o café nas mãos, não pensou no termino recente do relacionamento, do cara que ficou para trás, não dissipava, não caminhava, só entrava em sua carne, molhava seus olhos, o coração lotado dos dias, por alguns segundos podia sentir se perder em seus próprios pensamentos. É a música que se toca quando o luto chega? É o sal fino do mar que corre em direção a casa? Nunca se saberá.

O cigarro de Ítalo acabou rápido. Pedro, que naquele momento ainda não era íntimo, só um desconhecido, um rapaz a fumar na orla ofereceu para Ítalo um cigarro, e Ítalo aceitou. Observou a tatuagem no pulso de Pedro e sentiu algum desejo. Gostou da voz firme dele, do olhar que parecia assustado, mas que preenchia os vazios. Vagava no mundo as cinzas

de todos os cigarros, vagava no mundo o coração de todos que amavam. Chegou perto. Olhou agora nos seus olhos anoitecidos. Tinha algo saboroso e quase de perdição, caminhavam para outro lugar. Levou o cigarro dele até próximo ao seu rosto e acendeu o outro cigarro. Mas nada foi dito. Nem era necessário dizer. O que queriam era exatamente isso, o silêncio da carne que doía em pedra. Todo silêncio subindo no ar como fumaça. Antes de chegar na carne, bem antes do besouro arrastar por distância o corpo estranho maior que ele. Sem pesadelos. Sem excessos.

Foi assim até se dissipar todas as cinzas. E então poder olhar em paz para o horizonte que estava calmo em suas também cinzas sangradas. Enquanto a noite caia e os afetos caminhavam devagar, queriam chegar a tempo, enquanto os cigarros estavam acesos, os fazer de faróis, numa longa jornada até sua cama, até onde deveria deitar o corpo cansado, abatido pela dor e o medo, que levava os dois a desconhecem de si mesmos. Ítalo olhou mais uma vez para Pedro. Pedro parecia distante outra vez, buscando alguma coisa? Nem se acha nada no olhar. Era só um rapaz, um rapaz magro, negro, com os cabelos bem cortados, brinco na orelha, roupas lisas. Que surgiu na cidade morta e fumou com ele um cigarro, silencioso. Quebrava uma parte do tempo, um corpo da cidade saía do lamaçal e respirava, é rompido o estranhamento e as falas surgem, como salvação, Nada como um alívio, um cigarro no meio da noite, uma fuga. Esse sentimento de, por alguns instantes, não viver mais essa loucura que se passa no mundo, esse sentimento que tudo acabou ou vai se acabar, não achas, Tens razão, eu estava ficando louco dentro de casa, só silêncio, notícias ruins na tevê, mortes e mais mortes, estou à beira de um colapso. Sei que deverias estar dentro de casa, mas não resisti, agora estava doendo demais todo esse silêncio, Sim, te entendo, ninguém nasceu para viver preso, a gente ama a liberdade, o mundo, as praias, a cidade. Eu pelo menos amo ficar entre pessoas, meu trabalho, cafezinho da tarde com os colegas, as cervejas e bares nos fins de semana, essa vida que passa por nós e corre,

que machuca, mas nos mantém de pé, Mas vamos levando, levando da maneira que for possível. Hoje só um cigarro, uma fugida até a orla. Um passeio pela cidade deserta, são os mínimos, mas que nos deixam vivos. Mas me diz, Ítalo, sentiu ou ainda sente medo de morrer, Agora um pouco menos que antes, mas no início achava que era o fim de tudo, em especial o meu fim e de tudo o que eu amo – dar uma tragada profunda, capaz de fazer o mundo se mover de maneira mais lenta e solta no ar a fumaça – perder o que se ama é foda demais, dói de mais, perdi alguém então não posso dizer que não morri um pouco. Penso que essa pessoa tinha memórias minhas que nem eu me lembro mais, ela cuidou de mim quando eu nem sabia da minha existência, papo doido cara, não liga, Relaxa, estou ligado. Perder também é um pouco morrer sim, claro que são coisas diferentes, mas leva algo nosso. A morte sempre leva muito, deixa muito também. Difícil sempre é depois, o peso que é deixado, Sinto exatamente isso, um peso. E não sei como lidar com tanto. Mas acho que estou falando demais. Não quero te assustar – Ítalo deu um leve riso meio tímido.

Pedro não disse nada, mas lhe ofereceu um sorriso bonito que foi capaz de fazer Ítalo se sentir abraço em conforto.

O cigarro queimou nas pontas dos dedos e levou consigo algumas dores, enquanto o encontro com o outro homem lhe trazia alguma paz. É sempre esse farol em mares agitados, o olhar busca o passado, caminha para a sombra, para o teto, para os animais da família que cresceram em suas memórias, memória de areia, que caminham numa praia de vertigem. Ítalo é como um objeto sem vida que se empoeira entre móveis e rachaduras. Petrificado em sentimentos antigos. É como uma árvore, suas raízes são profundas. Ele apaga o cigarro, fecha os olhos, suas mãos correm sobre a poeira, se levanta lentamente de onde estava sentado.

Ítalo se rever, rever tudo que passou, pode enxergar o passado como um animal vivo, no qual atravessa em viagem os dias, junto dele, ao seu lado, embrulhado em lençóis, tudo poderia ser visto, mesmo que em dor, olhar nesse vago espelho era custoso para Ítalo. Ele se lembrou do dia de sua partida, da fina lágrima que caiu dos olhos do pai, o mesmo que passou o dia fora, e só apareceu quase na hora da despedida, daquele abraço tão afetuoso no dia que se mudou, mas só, o café quente lhe trazia de volta. As memórias sempre são mais fortes, o vento frio que vinha com a chuva entra na casa, toca a pele do seu corpo. Ítalo queria mudar alguns cursos, se distrair com alguma coisa, mas desabava, desabava, e quem derruba são seus próprios dedos.

Uma onda alta o alcança, lhe leva junto, o lugar vazio, é isso, estão hoje no lugar vazio, mas a música outra vez toca, só ela não esquece ninguém, por nenhum estante, o café os mantém acordados, a criança da família brinca com uma gatinha amarela no chão da cozinha de lajotas brancas, Ingrid parecia brincar com um sol nas mãos, era a gatinha que existia por entre os cômodos, corria e devorava a tristeza, um sol pela manhã e durante todo o dia, até sumir entre os móveis para dormir e ronronar.

\*\*\*

Para Ítalo o seu pai era maior que a casa. O seu pai era do tamanho de toda a Grécia, era do tamanho do mundo. Muito maior que o filho. Maior que todos os filhos juntos. Deitado na cama parecia pequeno, como um pássaro deitado do ninho, despido, sem penas, precisando que a mãe chegue e lhe abra o bico trazendo alimento. Sua boca já raramente se abria, sua voz sumia entre os lençóis do hospital. Pouca vida vivia em Ivan, ele era morto ainda a respirar. Era rara a vida, tudo parecia já ter ido, como numa mudança que enche o caminhão, mas ficam pequenas coisas para irem atrás, um quadro com fotos da família, dois tapetes, algumas louças e os vasos de planta, mas todo o resto já tivera partido, o que resta nada significa ou significa exatamente tudo, o amor e as lembranças. Ivan era como uma planta que resiste na grande seca e que vai perdendo as suas reservas, vão se esgotando. Um touro de força e vigor, tendo durante a vida seis asas e plena visão, agora resumido a um passarinho sem pena, que dorme fundo no ninho vazio, que dorme seu sono sem volta.

Quando Ítalo nasceu, Ivan já tinha cinquenta e sete anos. Sua segunda família. Carol sua garotinha, nasceu dez anos antes. Se tornaram uma família de muito amor. Ítalo crescia sendo bem cuidado pelos pais. Uma criança que vivia protegida pelo afeto da casa. Ivan passou sua vida viajando, sagitariano, não poderia querer outra vida, gostava da liberdade, de toda semana, sair e chegar em lugares diferentes, sua existência sob tantas *viagens*. Trabalhar embarcado, navegar sobre as águas que cedo se reconheciam em sol, em luz, em iluminação sobre o espelho fino da crista das águas.

Ivan era um homem divertido, muito organizado com suas coisas, mas não fazia quase nada sem ajuda da Vera, ele era o corpo e ela a cabeça, os seus pensamentos. Ivan amava muito sua esposa, amava mais do que tudo. Também amava muitos os filhos. Ver Ítalo ser diferentes dos outros garotos ia aos poucos lhe abalando, acordando sentimentos que não era capaz de suportar, sentimentos que não conhecia e ficava sem entender como poderiam viver dentro dele, como poderia viver tanta escuridão? Tanto mal? como um pai que ama poderia desejar que o filho partisse? Que o filho nem existisse, ainda mais quando ele pai tanto amava esse filho? Por dentro os homens são estranhamente escuros, desabitados, nenhum homem sabe ficar sozinho consigo mesmo, fica só com seus pensamentos a noite sem acender um cigarro, sem tomar uma cerveja, sem ligar o rádio, sem o sexo com alguém, sem o jogo transmitido na tevê, nenhum homem sabe ser só, sem machucar a si e aos outros. O homem se desabita todos os dias, é sempre a imagem do pai que entra na canoa e some no rio, sempre a imagem do deserto. Do deserto que fertiliza as florestas distantes, porém, é seco em si, frio nos fios de cabelos brancos.

Todas as vezes que o Ítalo chegava com um livro na mão e dizia que lhe iria contar uma história, tudo mudava no coração de Ivan, não resistia.

Ítalo então abriu o livro e lia a história, parecia um pequeno contador, ia mudando as vozes em cada fala dos diferentes personagens. Com os dedos em cima dos lábios e forçando uma voz grossa dizia: “eu sou o Barba Azul”. Os dois caíam na gargalhada. O garoto ia bem na escola, falava bem, era bom nas coisas que fazia, esperto, o coração de Ivan via nele tudo o que sempre também lhe habitou. Anos depois, Ítalo entrara na banda da cidade, tocou flauta transversal e depois mudou para clarineta, passou a ser o orgulho da família e o único da rua a entrar na banda da cidade. O ponto mais alto de felicidade que Ivan experimentava até então. Lia sem parar e recebia elogios na escola. Ivan fora

uma vez com o filho numa reunião de pais, era o pai velho ali, já tinha um andar cansado. Iriam tratar de uma viagem para outra cidade, eram os Jogos Interescolares. O filho iria jogar handebol no time da escola. Ivan foi o primeiro dos pais a falar, Os nossos filhos, têm que conhecer os lugares, os caminhos. Ítalo também nasceu no fim de novembro como o pai, o mesmo signo, gostava de desbravar os lugares.

O passado cheira a tecido suado, suor forte, pós sexo, do corpo após o treino. Pontes sem passagens, desenhando cada centímetro em pelos e carne, como se o que se ergue fora feito de homens e seus desejos, como se Ítalo, e qualquer homem, ao ejacularem fossem capazes de mudar qualquer coisa física do mundo, os olhos que brilham como duas petecas, é a natureza dos que comem e gozam, é o pecado de cada um, mas não tão pequeno para que possa caber no coração de quem ama, nos pensamentos são todos capazes de ocupar o ódio, o irmão, as mãos do seu pai ou dentro do porão aberto das memórias, capazes de ocupar os desafetos e as ofensas diárias, capazes de vencer a maldade da diretora da escola que acusou o menino de ser *fresco*.

O passado, essa pele de carneiro que não se move e nunca se moverá, é o carneiro que foi só espírito, fantasia, o passado é um fantasma lento que assusta na noite, e toma para si, enquanto se conduz, o passado e o presente sem confundem enquanto se vaga em ressentimentos. Os olhos de João são dois sóis nus, sol no homem, dois olhos que queimam, olhos de fogo que por cima das águas esfumaçam.

Mas não é flor em sangue, açucenas vivas em carne, todos os olhos dos homens que brilham em ódio e que são apagados, muitos resistem e se beijam em quartos escuros, em praias desertas, nos breus e matas do mundo inteiro. Uma foda calada, que se guarda no bolço junto aos cigarros e o esgueiro, junto ao junco forte da memória, que se lamenta todas as vezes que o cigarro chega à boca e vai até o pulmão, é uma árvore que cresce no peito, levando suas raízes por dentro das veias, não é sangue nem força em líquido aquoso que se move, é remorso. Remontando noite que logo se tornara dia, depois de passado e só muito depois, lembranças, os ossos que se lamentam, Pai, filho e irmão. São acidentes diários. O retorno para onde não existe mais volta.

Ivan estava muito magro e sem se alimentar por muitos dias. O que mais gritava dentro de Ítalo, era uma voz vinda do passado. Ele se recusava a ouvir, fugia, ocupava todos os

seus pensamentos. Mas nada era capaz de calar, então ouviu, depois de tantas fugas, se ouviu.

Ouviu o que ele queria ter dito a si mesmo há semanas, meses e anos, fora uma voz penosa, quase roca, falava sobre essa dor que se sente quando se erra, se quando falha com quem amamos, quando se sai da casa levando rancor e medo, dessas coisas que caminham no coração e o machucam. Sempre se ouvir é isso: estrada dura que fora caminhada com seu passado lhe ferindo, com pés que sangravam, com pernas que ameaçavam cair. Ítalo foi até a sala e se senta quase deitado no sofá, antes olhou pela janela, pensou sobre o futuro, dos poucos dias de vida que ainda restavam ao pai, das coisas ditas e não ditas, falava de todo o silêncio e sobre o que se faz quando a vida desabita a carne, quando se muda de endereço e ainda se recebe postagens, quando o filho muda de cidade e não convive com o pai nos seus últimos anos de vida. É isso que tanto buzina dentro de sua cabeça. É tudo sobre o pai.

O jardim já morto. Nenhuma flor. Só ruínas, plantas mortas e secas. Galhos sem nenhum verde que se quebram com o vento, grama seca e vasos rachados, um abismo. *Este peito acende, inflama.* Este jardim. Esta casa. A cor não existe mais, se apaga, cai com a chuva forte. Cai com o esquecimento. Sem alimento os afetos vão deixando o endereço, se mudam. A estrada parte tudo ao meio. Quebra as paredes do quarto. Afasta as cortinas da sala. A estrada passa no meio da casa. Leva para os lugares que perdem o nome. Para uma caminhada dolorosa, onde os olhos molhados pelas lágrimas vacilam.

O silêncio é seco também, assim, dessa mesma maneira. Um novo amor nascia? mas ele não existe, só rochas. Ítalo teve que conversar consigo. Essa conversa tão longa...Uma conversa que atravessa mais de uma hora, mais de um dia, mais de uma semana. Uma conversa que é sem data. Período longo, composto por tardes, manhãs, noites, domingos, anoitecer azulado.

A flor é vermelha sem cheiro, mas puro sangue. Terra de solidão.

Plantada há tantos anos. Podada diversas vezes. Só ela parecia sobreviver. É o próprio sonho que se comove nas folhas. Junto ao peito, acende, inflama em labaredas. Onde se corre ao encontro do peito farto da mãe, ao se deitava cansada. Se expande em mar, cala. Só ela cantar.

São dos seus olhos que saem a nova música que conduziu a vida da família. A mãe passa a ser tudo. Vera passa a ser a parte verde do jardim morto, a vida das plantas. O pai ainda está vivo? Por alguns segundos, em seu coração. O que se falava era o que não se queria ouvir.

Não era necessária uma visita no que se guardou nas gavetas do armário, Vera sabia. Labaredas. Pedras em seus afetos.

Um homem. Ítalo se sentia partido ao meio. Sem fôlego. Buscou a primeira lembrança que tinha na mente do pai. Eram tantas. Mas queria a primeira, a primeira de todas. Tantas buscas. Encontrou. Era um colo grande. Um dia com janelas abertas e luminosidade. Pai deitado nas tábuas da sala. O filho brincava com o pai.

Então verás um mar azul, tão grande como a palma da mão do avô desconhecido, como os longos cabelos da avó morta, mas nenhum ninho, conhecidos e parentes andando no tempo, subindo as escadas e de repente: caem. É uma visão de mar invadindo ilhas ainda não submersas. Comendo os dias. Mesmo que seja totalmente azul. Azul bonito. Aquele azul do primeiro desejo. Verás também que estamos apenas no mesmo mar. Mas cada um afunda diferente, "as águas afogam os pulmões", "eu sei disso" ela responde, a voz insiste, "mas afoga", diz outra vez "eu sei". O pai dorme dentro das águas, mas elas estão escuras. O barco já afundou há bastante tempo. As tábuas da maré apodreceram. Ivan é então rio, no leito longe. Longe de Ítalo.

Os olhos de Ítalo em cima do corpo do seu pai. Mas não estava mais entre eles aquelas águas. Ítalo sente medo a cada vez que o rio ameaça correr ao encontro do mar. É a vida do pai que ameaça ir junto. Ítalo, o filho, luta, tenta como se fosse capaz de conter as águas do mar, impedir que o rio encontre com seu destino. mas é em vão.

Na madrugada andou por aquele corredor vazio de hospital. Dentro da enfermaria os funcionários dormiam, igualmente acontece na sala de curativos, nas alas, na portaria dos internados. Na ala geriátrica onde estava com o pai, doentes e seus familiares também dormiam. Abriu o portão de ferro em total silêncio. Fugia de algo? E foi lá fora, ver a rua, ver o que se movia naquele mundo que tendia a morte. Mas nada se movida. Acendeu um cigarro e olhou em volta. O hospital estava em reforma, mas parecia bem mais ruínas "que correm ao encontro, de uma ponte caída, no meio de um rio, cheio de sangue". Destroços. Tentou pensar em algo distante, mas todas as imagens na cabeça de Ítalo levam

ao pai, para aquele leito de hospital, para a respiração tão agonizante que saía dele. A fumaça subia pelo ar e Ítalo acompanhou até se desfazerem.

Uma enfermeira vai até a portaria também, fica olhando a rua, estava calada. Eles não se falam. Ela se senta já fora do hospital, e ali fica por bastante tempo. Ítalo vai até a rua e caminha um pouco. Os cachorros distantes ladram num som penoso. O cigarro termina. Cheira as suas mãos quase que num impulso, o cheiro de cigarro é forte. A noite estava sendo longa. Mas qual noite de dor não é longa? Ver as horas, já passam das duas da manhã. Mas ainda faltam muito tempo para amanhecer. Voltara para o quarto com o pai. Continua inconsciente. Deita-se num leito desocupado ao lado. Percebe que esqueceu de trazer lençol. Fazia um pouco de frio, o ar-condicionado estava ligado. Não consegue dormir. Fica olhando as infinitudes de *status* postados no *WhatsApp* até zerar todos, até não ter mais nenhum, com o celular no peito esperava alguém postar algo novo, mas ninguém postava mais nada na madrugada. Então visitava a sua própria memória.

As viagens que foi ou ainda é capaz de fazer dentro de si mesmo. *Tem no peito dois tiros certo e a certeza que tudo, acabou.*

Pedro veio de longe e nas mãos não trouxe nenhum mar. Não é ele as águas. Não é com Pedro que vem essa carne azul dos dias. Pedro, pode até ser feito de brumas e embriagues como todos os homens, mas não foi com ele que veio o mar agitado.

As ondas que se estouram em segundos e derrubam arrimos. Elas chegaram sozinhas.

O mar sempre vem só, sem aviso, sem roupas, ele é nu. Ivan morreu numa segunda-feira, dia 29 de março de 2020. Pedro chegou poucos dias depois. A cidade já se fazia aos poucos solidão, trancada em si mesma. Esparsa ilusão. Ítalo não suportava seu peito. Então resolveu sair para comprar cigarros. Não o bastante fumou ali mesmo, perto da orla,

estava triste. Era noite. Não havia ninguém na rua. Era apenas sua voz a gritar dentro e a fumaça saindo de seu pulmão já embriagada de dor. Escura. Só cinzas. Transportando um gosto forte de morte.

A cidade vazia. Todos pareciam dormir. Um sono longe, esguio. Sono feito de ervas para dormir. Saiu andando de sua casa. Ítalo atravessa seu destino. As portas estavam fechadas e se podia ouvir vozes que vinham de dentro delas. As famílias estavam reunidas em suas solidões ou em seus conflitos. A sua estava fazendo a mesma coisa, trancada dentro da casa de paredes verdes. Conversam sobre tantas coisas, assistiam TV e jantavam juntos. A gatinha amarela corria entre os pés deles. Ítalo tinha a impressão, por alguns segundos, de ser o único morador daquela cidade, de ser ele o dano imortal do que sobrou de uma devassidão, de uma enchente perversa. Mas os vultos surgiam e lhe mostravam que havia vida, que ela movia o tempo. Mesmo que lenta, dava força suficiente para um besouro carregar um corpo estranho com o peso dez vezes maior que o seu próprio peso, para seu ninho, para colocar seus ovos.

Não há mais nada para esconder em seu quarto, que nem era mais seu, não tinham mais os segredos, tudo era luz sobre o cenário antes oculto. Escondido sobre os dias de um adolescente apaixonado. Sobre as paixões que causavam febres. Uma visão que se gerava do sangue caído, do corpo morto, das flores secas, do tempo seco, de tudo que se passou, de todos os verões que ficaram para trás.

Seu corpo pesa mais do que o aparente. Traz nos seus rasos cabelos; sal, areia, na costa uma rocha, na barriga a ressaca do mar, nas pernas caramujos. Quando já se perdia, Ítalo, então pode ver, ele vem de longe. Mas nas mãos não traz o mar. Não é ele. Não é com Pedro que vem.

Pedro surge no horizonte. A visão parecia impossível. Parecia ter o mesmo desejo. Chegou perto. Falar com outra pessoa. Desabar, ficar também calado sob a orla de uma cidade que parecia esquecer que respirava, que parecia estar debaixo do corpo aquoso. Ítalo lhe olhou nos olhos rapidamente, por alguns segundos. Segundos perpassados na brevidade. Antes da cegueira. Se sentia aos poucos, pedra. Envolto a uma escura fumaça de alívios. Pedro era uma visão estranha. Então, forte como uma correnteza na noite, rompe o silêncio primitivo dos homens, Fala cara, tens fogo, puedes me emprestar, num tom de voz que arriscava a existência entre o suavidade e a vergonha, mas Pedro oferece um curto sorriso capaz de acalmar qualquer coisa, Olá, tenho sim cara – Ítalo parece olhar sem querer os olhos de Pedro e pausa por alguns segundos e joga o esgueiro para o outro e diz, Pega aí, acende teu cigarro.

Pedro acende o cigarro e devolve o esgueiro, Obrigado, cara, pensei que tinha trago o meu, mas não trouxe. Sorte que ainda tinha uns cigarros na carteira – deu um riso curto, Sei bem como é, sou bastante esquecido também, quando não é uma coisa é outra. Cidade vazia, não é? Ninguém na rua, só nós dois aqui, Sim, tive medo de sair, mas não aguentava mais ficar em casa, sei que é arriscado... mas não resistir – diz num tom quase simples, Pedro parece ter pensamentos distantes, só aos poucos vai se aproximando.

Ítalo já estava quase terminando o primeiro cigarro. Mas ainda queimava. Ítalo podia sentir em cada punho que se movia feito ondas na tempestade, e nas suas veias também, que o incêndio se iniciava e estava disposto ir até o fim, ver toda a epiderme do desejo se transmutar em vertigem. Pedro acendeu o seu cigarro e lhe olhou novamente. Sempre com os olhos baixos, rosto quase coberto por um boné. Ítalo estava escorado no parapeito. Pedro se colocou ao lado. No início não disse nada. Ítalo achou até melhor. Só queria a destruição daquele cigarro e a paz do silêncio. Mas algo era mais forte e rompia os silêncios, E qual teu nome, acho que não te conheço, Me chamo Pedro, não sou daqui

realmente. Sempre venho aqui, mas sou de outra cidade, Sou daqui, mas morei em outra cidade e estou de mudança para Belém, assim que possível, é claro, minha família é daqui também, cresci aqui. Me chamo Ítalo, prazer cara, Tranquilo – Pedro lhe estende as mãos, só depois lembra que não era um bom momento para toques, mas era tarde demais. Ítalo lhe cumprimenta.

Poucas coisas pareciam se mover em Pedro, só sorriu leve parecia lhe solto, mas logo depois se fechava novamente. Coisa que só mais tarde é que Ítalo iria entender melhor, quando ficaram juntos.

Pedro vivia entre esses labirintos, sentia a necessidade de caminhar por eles, sozinho, sem alarde, barulhos e lamentos. Pedro sempre é mais gesto, suas ações, seu cuidado com o outro, o amor grande, que não se diz em lindas frases comuns, sempre foi, Fiz o café, amor, vem tomar comigo, Que bom que chegou, amor, fiz um jantar para nós dois, acho que ficou uma delícia, Ah amor, passei no shopping e achei essa camisa sua cara, trouxe para ti. Seus símbolos de afetos seu carinho profundo, seu sexo na noite, seu hálito atraente, seu pênis sempre ereto quando os dois se deitavam na cama. Uma mão macia que toca os cabelos emaranhados de Ítalo à noite.

Quando Pedro se levantava para tomar água na madrugada, sempre trazia um copo d'água para Ítalo, quem acorda antes e arruma a mesa, limpa a pia e lava as louças, compra o pão e faz o café, tudo em silêncio. Sem acordar o outro. Sem acordar nenhuma outra vida daquela casa. Pela manhã se levanta cedo, molha as plantas, toma seu banho e começa muito cedo a cuidar do mundo. Pedro sempre fora imagem do homem que ama. A ilha distante da história, naufraga, Pedro tu te levantas muito cedo, parece que nunca tens sono ou fica cansado. Não entendo isso, dorme por favor meu bem – Ítalo reclama com um pouco de humor, Não amor, não é isso, é tu que acordas muito tarde sempre – diz rindo sendo um pouco provocador e depois sorri, Mas porque tu não me chamas, não escuto tu fazeres um barulho e quando acordo tu já fizeste tudo, assim eu fico preguiçoso. Olha o que tu tá fazendo comigo... – riu, Não se preocupa amor, eu gosto desses minutos sozinho, de arrumar as coisas... Espero que não se importe e também não gosto de te acordar, Tudo bem, nem sei porque reclamo, tu és um namorado perfeito. Falando em amor, cada

o Théo, Ainda não vi ele hoje, acho que deve tá em algum canto da casa dormindo, ele passa a noite acordado, aprontando as dele.

O gato surge miando e entrecruza as pernas de Ítalo, Chegou nosso filho, chegou! Foi só falar nele, que ele apareceu, esse gato fingindo, Coisa linda do papai, Pedro fala enquanto aperta o pelo do gato, Me espera tomar banho e tomamos café, pergunta Ítalo, Claro que sim, vai lá, tempo que termino aqui.

Chegou até perto dele e lhe iluminou os olhos naquele dia. Beijou o rosto e lhe abraçou afetuoso. Já estavam morando juntos. E a casa que viviam era pequena. Pedro já frequentava sua faculdade de artes visuais e Ítalo estava atendendo no ambulatório.

Na porta tinha vasos de plantas, na janela um filtro-de-sonhos e pela casa inteira muitos livros. Muitos relatos e sonhos. O amor de dois jovens homens. As brigas de dois jovens homens, assim como o ciúme, as cervejas, as drogas, o sexo, os sabores e as dúvidas. Pedro trabalha no contraturno. É atendente numa loja de ferragens.

Os dois passam o dia inteiro fora. São muitas mudanças. Muitos cansaços. Mas se valem do amor desperto. Da vida que encontraram depois de tantas lutas. Mudaram-se pouco tempo depois que começaram a namorar. Ítalo precisa trabalhar e Pedro iniciar seus estudos. As mudanças não foram fáceis. Pedro vacilou diversas vezes. Sentia medo da família. Sentia medo de sofrer alguma violência nas ruas. Ítalo sempre lhe explicava que já se vivia bem em Belém. Mas ainda assim, Pedro vacilava. Oras queria, depois desistia. Pensava em voltar para sua ilha, para sua casa, se colocar entre os seios da mãe que sempre lhe acolheu com amor e força.

Ao lhe podando as asas, cortando qualquer tipo de excesso, Pedro não é mais um garoto. Pedro agora é um homem. Sentia que deveria fazer suas escolhas e encarar o seu destino, sempre tentava se lembrar disso quando o desanimo batia. Então foi, fez a mudança, iniciou um processo da vida que antes era impossível.

Passou a morar sob um mesmo teto com outro homem. A coisa mais impossível que poderia imaginar. Gostava de acordar cedo e poder ficar um pouco só. Se sentir vivo. Experimentar, mesmo que pouco, um pouco de solidão. Na cidade o cenário é outro. Não tem mais uma infindável praia deserta.

Na cidade grande tudo é um deserto concreto. Nos fins de semana comiam pizza na esquina ou saíam para dançar. Lutavam por uma vida que ambos não estavam acostumados. Morar junto é difícil. Ítalo conhecia outros rapazes, mas tentava se manter fiel. Pedro não, não deixa outros rapazes entrarem em suas vidas. Os dois jovens homens

passam por grandes mudanças. Aos poucos a casa vai ganhando um toque que é só deles.

A casa vai se tornando a habitação. E a habitação se torna a casa. O espaço do mundo onde poderiam deitar a cabeça e descansar.

A manhã tem um cheiro de banho: de xampu masculino, de antitranspirante, de pós barba, látex e gozo.

À noite, durante a chuva, respigou muito sobre todos. Um pequeno espelho com bordas de plásticos de cor laranja caiu da parede e se espelhou pelo chão, era o predileto de Ivan. O motor apresentou problema no seu desempenho e logo depois parou e o barco tem que subir a terra, levado para o estaleiro. Algo na casa também caía. Ivan estava a cada dia mais estranho. O homem é a queda. Caía nas farpas de um sol vazio. Com muitas mudanças repentinas de humor. Em casa, Ivan chegava todos os dias estressado, com raiva, de mal com um mundo que habitava só. Vera sempre dizia, “não sei o que te fazem lá fora, mas tu só descontas na gente”. Toda essa raiva sobre a família. Mas quando fora, era outra pessoa, ela finalizava. O filho mais novo recebe no corpo uma breve febre que logo passa. Uma febre de sapo que só ele sente. A causa, as palavras duras do pai, seu olhar violento. Os olhos da família vagueiam pelo ar pesado da tarde. Estão longe de qualquer coisa profunda, fatal que possa acontecer. São só os dias. No quintal, uma ave grande e pesada pousa. Ninguém ouve suas batidas de asas. Para que ouvir? Os milagres são as horas de vida que ainda pulsam. É o jardim ainda erguido e longe da destruição. É o filho em casa.

Ivan leva o barco para o estaleiro para ser consertado. Ficou pelo menos três dias lá. O filho mais jovem, Ítalo, é quem lhe leva o café da manhã e o almoço. A noite Ivan jantava em sua casa e voltava para dormir no barco, “não se pode deixar a embarcação sozinha” sempre gostava de lembrar. Todos sabiam muito bem.

Ítalo é apenas um garoto com pernas compridas, cabelos enrolados e magro. Se poderia ver isso em seus olhos tontos que passeiam pelo rio com a maré seca. Seu sobe e desce do barco. Seu jeito manso de pedalar sua bicicleta. Mas as conversas começaram a circular no estaleiro: “o filho do Ivan é bicha”. Ivan demorou algum tempo para ouvir essas coisas, mas percebia que os colegas faziam piadinhas ou ficavam de risinhos quando o filho chegava. Faziam perguntas: “ele passa muito tempo com a mãe?” ou “Tu ainda

não pensaste, Ivan, em colocar ele para viajar contigo? Está na hora”. Sentia vergonha. Mas Ítalo era tão bom menino, muito atencioso. Não deixava de cumprir um mandado. Se a mãe mandava o almoço ele vinha direitinho e deixava, conversava um pouco e voltava também para almoçar. Antes de ir para o colégio deixava o café do pai. A tarde ia para lá ajudar. Era quem ia na loja de ferragens comprar os pregos, as varas de ferro, os parafusos, alguma peça do motor. Ele mesmo escrevia a lista de compras. Sempre trazia o troco certo e nunca perdia dinheiro do pai. Ivan que tinha que perguntar: “Tu não queres tomar um suco?”, então dava um trocadinho para o filho. Ao mesmo tempo que era tomado pelo ódio e a raiva, não se sentia bem em fazer qualquer mal ao filho.

Os dias riscam os sentimentos de Ivan. As línguas ferozes que veem de fora lhe machucam. Quem não seria machucado também? A imagem do filho cresce em seu coração. Com rasuras e incertezas.

O barco fica pronto e no fim de semana Ivan saiu de viajar para trabalhar. João vai junto, trabalha com o pai. O barco parecia ter ganhado um pouco mais de força no motor depois da manutenção. Iram passar uma semana fora. Em casa, antes da viagem, Ivan chega a comentar com a esposa sobre achar que Ítalo andara estranho, ela diz que era a adolescência, todos mudam nesse período e que daqui a pouco ele iria começar a namorar, se fechar, querer sair à noite, Nós temos que nos preparar para tantas mudanças, não lembra como foi com a Carol, ele se lembrava ou pelo menos tentava. A mãe sempre parece ter uma dimensão maior das coisas, guardar bem mais cuidadosamente das memórias, essas fotografias que vão se acumulando em gavetas.

No fundo ela sabia do que se tratava, ou pelos menos fazia ideia, mas não era hora para tratar. Não, ainda não, era cedo, e Ítalo ainda era um garoto. Ela também percebia as mudanças, via as coisas que destoavam, era seu primeiro filho homem, mas tinha sobrinhos. O mal não é na verdade. O mal é criação. Criado no quarto escuro, em todas às vezes que se engole as palavras, que se guarda o que deveria vir à tona. Ivan responde que sim, e de fato, se lembra de como foi, das dificuldades, dos medos que sentiram juntos, pai e mãe. É o segundo cordão umbilical a ser cortado. Mas também lembrou que foi a única filha que viu crescer, o filho que teve no outro casamento, ele não esteve perto nesses momentos, ele se afastou, só torna a ter o filho novamente quando o resgata de entre os ratos no canal do Tenoné. Agora via seu Ítalo crescer. João foi criado pelos avós. Agora seu amado Ítalo crescia e estava se tornando alguém que lhe enchia de orgulho e medo. O medo lhe habita. O medo lhe habita e não somente durante a noite, mas durante o tempo inteiro. De todos os medos, aquele era o pior, o mais desconhecido. Não podia

nem pensar em ter um *filho bicha*. Nem se percebeu, nem sabia dizer bem como, mas bateu no filho, pela primeira vez bateu, e o motivo era tão banal, mas bateu pelo medo que sentia. Pela raiva que guardava. Estavam prestes a almoçar e o menino saiu para brincar os primos na hora do almoço, se se sujou ou não, não sabia, foi tomado por aquele silêncio que enraizava por dentro. Fora ele mesmo buscar o filho e deixou a violência lhe tocar. No barco tudo era tempo, águas e mais águas. Sempre a seguir para um lugar impreciso. As lembranças lhe batiam com força.

João voltava sempre a colocar as mãos imundas contra as feridas que ainda doíam no pai, que ainda estavam abertas. Sempre a retornar. A se repetir. João ia cada vez fundo, escavando com veemência as chagas e as dores de Ivan. Machucava mais profundo, rasgava a pele até chegar na carne, no lugar sem sol, escondido no mais profundo. Um dia chegará aos ossos e os quebrará todos, expô-los. Pesava em suas insinuações. Imerso naquela forma de vingança. Feito fumaça esparsa nos ventos calmos de setembro. Usava o próprio filho de exemplo, Ver se o Silas faz essas coisas, nunca ouvir um comentário sobre ele, olha pai, o senhor tem que tomar uma atitude, pega esse menino e dá uma boa pisa, quero ver se ele não criava jeito.

Ivan nunca falava nada sobre ou sempre trocava de assunto quando se sentia mais coagido a reagir. Não era nada fácil ou tranquilo para ele ter que ficar ouvindo todo aquele mal que vinha de João, seu filho do primeiro casamento. Que a cada dia se afastava da imagem de *filho amado*. Mas João conseguia cada vez ir mais fundo, mais longe, rarefeito, mais, até sufocar todo o ar, causar náusea. Certo dia comentou outra vez, no entanto, dessa vez fora na frente de Jorge, irmão de Ivan. Jorge também não perdoara, fez seus comentários, era outro homem maldoso e fofoqueiro, sempre ficava atento nos comentários e espalhava por onde passava, com sua pesada língua de mal e maldição.

Colocou na mesa sua visão, compreensão do que ocorria. Então desmoronava tudo sobre ela, fumaças, cinzas que fazia doer os olhos de Ivan, as lágrimas chegavam perto, se preparavam para aluir, mas ele não deixava, segurou firme naquele dia, pensou consigo “Sou forte, não irei alimentar os inimigos”. O barco estava encostado próximo, disse para os dois que iria ver algo dentro do barco, resolver alguma coisa e saiu de entre os chacais famintos, que lhe salivavam sobre a cabeça, mas antes de ir, ainda é capaz de sentir um peso sobre si e algo a apertar a garganta, uma mordida traiçoeira. O laço firme de fogo e maldade cercava o ar. A raiz de um reentrante patriarcado e machismo a se apregoar, se dissipar.

Ivan desce até algar do barco, perto do que antes fora apenas o esqueleto da construção. Próximo ao motor do barco. Então começa a socar a parede. Sente um ódio muito grande, uma raiva impulsiva por João. De sua maldade, do seu *joguinho*, de suas sempre palavras maldosas. A iniquidade estava com eles. Estava decidido iria colocar um fim em tudo isso. Mandar todos para casa do caralho, para as putas que os pariu, aos raios que os partem, todos, todos. Ainda ficara um tempo ali, a maré enchia e fazia um som familiar ao passar por debaixo o barco. Se sentia num alcantil. E achava que a qualquer momento iria derruir. Segurava firme enquanto a cabeça girava... girava..... girava..... girava..... sem parar. Até que caiu no piso de madeiro do barco. Desacordado. Sofrera um infarto.

João ainda demorou alguns minutos para achar o pai desacordado. Até que entrou na embarcação e chama por ele, diz que a maré já estava boa para sair. Foi quando percebeu que ele não respondia, e chamava novamente, novamente e nada, pensou “Será que ele saiu e eu nem vi?”, mas onde estava a conversar com o tio veria se ele saísse. Por um intuito estranho, uma voz que sussurrou no seu ouvido: “Desce e encontre teu pai”. Ivan caiu por cima do braço e continuava desacordado. João chamou, chamou e ele não respondia. Pediu ajuda do tio e juntos o colocaram em terra e ele fora levado para ser

atendido. Passou alguns dias no hospital e sem o movimento do lado esquerdo do rosto. Com uma semana completa Ivan voltou para a casa e quem cuidou dele fora a família, todos, juntos, Ítalo, Carol e Vera. A mobilidade do corpo, da face inerte, aos poucos retornava. Fez fisioterapia por alguns meses e esteve distante do trabalho, recebeu seu seguro-desemprego por ser pescador de carteira assinada e solicitou sua aposentadoria. Estava certo consigo, queria outro rumo para seus dias. E longe de João... o que mais agravava a dor do afastamento.

Demorou certo tempo até que contou tudo para Vera, o que aconteceu naquele dia do infarto, o que se passou. O que João vinha lhe fazendo a tanto tempo. Como deixou seu coração adoecer. A primeira coisa que Vera pode sentir fora raiva de João. João e ela nunca se deram bem, trocavam algumas palavras, mas nenhuma amizade. Vera não gostava dele em sua casa. Seu filho sim era bem-vindo. Silas a chamava de tia e adorava o avô. Ela sentia que podia amar Silas e não via problema algum nisso. Vera respondeu ao marido que já andava desconfiando que alguma coisa acontecia naquele barco, pois todas as vezes que Ivan voltava de lá era outro. Retornava outro homem, outro esposo, outro pai. Um mais violento. Mais cruel. Mas nem era isso que ela queria falar, diz, o que quer mesmo dizer, é que ele corra atrás do amor de Ítalo, que ele desabitou e pôs para tão longe dele, deles, daquela família e daquela casa. Ítalo só falava em ir embora, estudar fora, viver sozinho e não querer nem ir para Belém, querer ir para longe, ela diz, ouviu outro dia ele comentando com a irmã sobre a Universidade Federal do Maranhão, de uma cidade chamada Bacabal, que sabe lá deus onde fica, mas ele quer ir, que ficar distante de nós. E isso lhes doíam.

Foram meses que nenhum cheiro suave de lírio entrou na casa. Era uma cura prolongada pelos temores, pelos medos. Algo desabitava.

O olhar estava fora da casa, das íntimas promessas e dos amores familiares. Ítalo estava fora da casa, do coração da família. Estava onde o sol nascia ou onde cada beijo era com mais intensidade, entre folhas, muros e secretos de outra cidade, sem pecado ou culpa, era só paixão. A cidade que não era sua. Onde poderia ser outro, mas não um outro estranho. Ser apenas esse outro ele, que ainda dormia dentro de si. Conheceu gente nova, garotos que gostavam de garotos, garotas que gostavam de garotas, que gostavam dos dois, jovens de sua idade que bebiam e fumavam, de pouco ou muito, que ultrapassavam as fronteiras e de jogavam. Conheceu Caio, um rapaz da sua idade, 15 anos também, um pouco mais baixo que ele, forte e sorridente. Se beijaram entre folhos, muros e segredos.

A viagem foi para Soure. Saíram pela madrugada. Foram três professores responsáveis por eles e uma técnica de enfermagem. Eram cinco times para disputar os títulos, handebol masculino e feminino, futsal masculino e feminino, e basquete masculino. Ficaram alojados num colégio antigo no centro da cidade. Além deles outros alunos de outras escolas e cidades também ficaram lá. Quando o dia amanheceu, Ítalo fora acordado para o café da manhã, o barco balançava levemente por conta das maresias. O dia era iluminado por um lindo clarão de dia que vinha do mar, que ganhava intensidade ao encontrar as águas e se refletir novamente sobre os olhos dos que viajam. Chegaram quase as dez horas da manhã no Camará. O ônibus já os aguardava. Era a primeira viagem que Ítalo fazia sozinho. Os professores eram brandos e leves. Soure sempre foi conhecida por suas praias de águas salgadas. Mas essa fora a única proibição. Não podiam ir para a praia. Um dos professores alertou sobre a morte de um aluno anos atrás.

Uma viagem sempre muda o sol que se move por dentro. Passaram uma semana lá. Tinham horário para o café da manhã, almoço e janta. O café era até as oito horas da manhã, então tinha que acordar cedo. Pegava o café da manhã e esperava os jogos, seja para jogar ou para ir assistir e torcer por seus colegas. Ítalo não se dava bem com os alunos

de sua escola, falava mais com algumas meninas do handebol que eram da mesma cidade, mas de colégio diferente. Fora aos poucos se aproximando dos alunos de Melgaço, que formavam um único time de handebol que foi para as disputas. Eram garotos e rapazes bonitos. Sempre que estava livre saía com eles. Andava na cidade e se sentia bem com eles. A noite no ginásio central tinham os jogos principais, com pequenas bandas e torcida organizadas. A cidade parava e ia assistir os jogos. Quando Ítalo chegou estava tendo um jogo de handebol: Cachoeira do Arari x Soure. Soure estava dando uma goleada no outro time. Eram muitos gritos vindos da arquibancada e lá fora fogos de artifício sendo soltos.

Fora nessa viagem que deu seu primeiro beijo em outro garoto. No fim da tarde os outros jovens iam para a colégio que eles estavam, seja por busca de aventuras ou por colegas em comum que foram fazendo. Sentavam-se no pátio ou ficavam encostados na mureta da quadra. Faziam a coleta para comprar as bebidas e os cigarros para a noite. Todos a flor da pele, do desejo, no calor do mês de maio. Ítalo se mantinha tímido e quieto, mas era um bom sedutor. Sem ter dito nada, um dos colegas de Melgaço lhe disse, Tu ficou interessado naquele menino não é, Ítalo corou e ficou calado, Não esquenta cara, a gente sabe, vou te ajudar. Falo com ele e te digo alguma coisa mais tarde. Ficaram jogando queimada perto da quadra até a noitecer. A noite o esquema era diferente. Ítalo esperava todos tomarem banho, para poder ir. Quase nunca jantava, pois serviam sopas ruins. Comia algum lanche na esquina. Pouco tempo depois encontrou com o colega de Melgaço, ele era alto e magro, se chama Bruno, e lhe disse, Tudo certo, o teu esquema tá marcado, umas oito da noite ele vem aqui, vocês podem ficar por aí, dele deve saber para onde vocês podem ir.

O rapaz, para a surpresa de Ítalo, realmente foi ao seu encontro. Conversaram sobre suas coisas, sobre o que gostavam e o que queria do futuro. Se aproximar para o primeiro beijo demorou. Os toques das mãos tão quanto. Tudo lendo, como tinha que ser. No beijo duas

bocas que demoravam para se encontrar e ter harmonia, dentes batiam. Mas era para um,  
a primeira vez...

Como todo pai seja de carne ou substancial, Ivan adoeceu. Ele tinha quase dois metros de altura. Adorava usar bermudas grossas e camisetas. Pouco se viram em seus últimos anos de vida. Ítalo esteve estudando fora. Mas se falavam sempre no telefone, nas videochamadas. Ítalo chama o pai de homem-cozinha, pois ele estava gordo, o pai ria sem parar. Ivan gostava de conversar com o filho. Eram sempre poucas palavras. Depois Ivan chamava a sua esposa e lhe passava o telefone, Toma Vera, fala com ele. Como se tivesse uma barreira ou faltasse as palavras, ou não, era sua forma de amar, o silêncio, as palavras, como se sua voz no mundo fosse Vera, que só por intermédio dela poderia dizer ao mundo tudo que sussurrava por dentro, tudo que vivia dentro seu coração e tempo. Ítalo agia da mesma maneira. Os homens sempre têm dificuldade em se comunicar nos afetos. Pais e filhos parecem se perder dentro de si. Se perder com palavras, num mundo de distância e lugares. Dito com essas palavras “eu te amo”, nunca ouviu o pai dizer. Mas sabia que lhe amava mais do que tudo. Seus gestos lhe diziam. O filho também habitava esse mundo, mas as palavras aos poucos foram lhe arrastando para um mar com ondas. Pai e filho é um mar em ondas.

O mar não é paz ou o mar é um pai morto em revolta, ou o mar é a paz do peito do filho sem pai, ou o mar só é homem, ou o mar é o amor entre os homens, ou o mar é humano, homem e mulher.

Ítalo entrou na escola de música da cidade. Junto com ele, todas as crianças de sua rua entraram também. A escola ficava no centro, em frente ao jardim da catedral. Um cerco de árvores altas e muitas plantas rasteiras que iam florindo ao longo do ano. Quando garoto, Ítalo gostava de ficar olhando da rua a cruz caída no jardim, era um artefato grande e volumoso. O acesso a ela era por uma pequena estradinha de terra. O pilar estava em pé, no chão apenas o entrave. A escola tinha dois andares. Era um prédio bonito, branco e com um arpejo desenhado em sua faixa. Os alunos tinham um uniforme da escola. Camisa azul escura com golas amarelas. As aulas eram com as flautas doces, as primeiras leituras da clave de sol, o dó, ré e mi, fá, sol, lá, si e dó. Os sustenidos e bemóis viriam só depois, assim como os compassos compostos, escalas menores e maiores e as pausas.

O instrumento que Ítalo escolheu tocar fora a trompa harmônica. Um instrumento que na cabeça dele precisava de uma participação mais intensa no corpo. Quando via que era necessário colocar as mãos dentro do instrumento para tirar o som, era como se aquilo lhe dissesse “para tocar trompa terá que entrar dentro dela, lhe tocar com muita intimidade nas mãos”.

Depois dos três primeiros anos de musicalização o aluno poderia fazer os testes para os instrumentos. Saber se tivera embocadura ou aptidão para o instrumento escolhido. Ítalo fora um fracasso com a trompa, não passou. Não conseguiu se quer tirar um som no instrumento. Foram sopros inúteis jogados fora. Recebeu o aconselho do monitor a fazer o teste para os outros instrumentos, não seria bom insistir, mas poderia ficar umas semanas de teste. Voltou para casa pensando nas possibilidades, mas a frustração era inegável.

O besouro ainda caminha na cidade escura. Arrastando por horas o corpo morto de um rato. O besouro é escuro e com partes do seu corpo amarelada. Na costa trazia algo que lembrava labirinto desenhado meticulosamente. Espinhoso e grosseiro. O besouro era uma imagem de repulso e amor. Uma criação estranha que atravessava os séculos e se reproduzia sempre na morte, deposita seus ovos no corpo putreficado. Tinha duas garras fortíssimas que se fechavam como um alicate.

Seis patas e duas antenas longas. Mas parecia, apesar de sua forma, não fazia nenhum mal, não queria carregar pelo mundo os lutos e as dores da morte, como se tudo fosse apenas sua missão. Se pudesse, quem sabe não deixaria todos os pais vivos, todas as mães, todos os filhos, todos os sonhos, todos os amores.

Mas tudo que pulsa por dentro do besouro é tempo, e é necessário viver cada parte dele, viver tudo que vem com as tempestades, com as marés altas, com os dias ruins, viver intensamente tudo que vem com os dias de sol, com a glória do sexo e gozo; a chaga não estava nele, desceu do monte e é milagre, rosa murcha das procissões, cumprindo o seu papel. Seguia por seus caminhos a cruzando, os passos dos outros, a carregar o luto. Caminhava sem parar. Como quem quer chegar em algum lugar. Fazer seu ninho. Depositar seus ovos. Talvez seja uma fêmea fecundada.

O besouro é fúnebre, a própria cidade deserta também é.

As portas fechadas lhe impulsionavam para mais longe. Aonde chegará?

O último cigarro eles dividiram, mas antes disso, um grande hiato passeava entre os dois, alto, talvez infeliz, fora antes, antes de Pedro ir embora, ou depois, depois que algo nascia, mais um cigarro aceso esquentando timidamente as pontas dos dedos, iluminando com sombras um amor que nascia ali, diante do que acabava, entre escombros, feito de tragédias, um luto substancial, estremaduras, seus intensos olhos agiam como fogo dentro de Ítalo, e Pedro, se sentir tocado por aquelas chamas, como se fossem visíveis, vermelhas.

Antes de parti, Ítalo pediu o número de Pedro. Ele lhe deu. Não quis dizer mais nada. E ele se manteve calado. Mas Ítalo não queria nenhuma palavra. Seus ouvidos eram como duas plantas dormindo no meio da noite, duas plantas enfermas. Sonolentas e cansadas como a voz de Billie Holiday numa manhã de março.

Era só o que ele queria, aquela paz, o número do desconhecido, a conversar, as chamas e o depois, só para quando já estivesse mais calmo, sem qualquer brisa ou ressaca de pesadelos que ainda lhe agitavam. Não quis perguntar para Pedro que lhe trazia até a cidade. E ele também não perguntou os motivos de Ítalo. Foi melhor assim.

Pedro e Ítalo se despediram em tímidas palavras e risos. Então lhe perguntou Ítalo, Posso te enviar mensagem mais tarde? Aí tu salva o meu número também, pode ser? E deu um leve sorriso, tão leve que nem poderia fazer qualquer peso, mostrar qualquer rumo, ser farol para o futuro, nada disso, só um riso leve carregado de verdade, como um trompete rasgando a noite em suavidade, Claro, podes sim, aí salvo teu número também. É isso, então boa noite, até amanhã, passo por aqui a noite de qualquer forma, Posso passar por aqui também para aliviar as ideias, Então a gente se ver por aqui, troca umas ideias, havia alguma ternura em sua voz, algum sentimento entre as rochas, entre sua carne, os impossíveis caminhos do seu coração, Nós nos vemos outra hora, e sorriu.

Pedro então sumiu andando na rua, num horizonte escuro.

Pedro era a única pessoa na rua naquele momento. Só ele. Tão real que quase doía ao desaparecer. Ítalo ainda ficou por um instante na orla, já sem cigarro, poucas forças e um buraco enorme no peito. Sentia a necessidade e a presença deles, o rapaz desconhecido e do cigarro. Não estava preparado para chegar em sua casa e se deparar outra vez com a ausência do pai, já morto, e casa que parecia ter aumentado de tamanho. Um deserto sem fim. Tinha medo de onde cairia. Mas uma hora teria que voltar. Deitar-se sobre sua cama e buscar um sono improvável.

Em casa Ítalo enfim poderia descansar, então só ouviria os íntimos ruídos do seu coração, não teria mais Pedro, o cara desconhecido que veio lhe acompanhando os pensamentos, a cidade deserta, nada mais, só os ruídos. Ítalo parecia ouvir mais forte ainda em seu quarto, como se fosse um exercício de notas longas, som que lhe rasgava os afetos, os ouvidos mortos, o coração cansado. Um som longo que ia do agudo ao grave, que apertava e aliviava, num sopro refazia o mundo. Era a voz do amante, de Pedro. Não sabia dizer se bom ou ruim. Quando chegou em casa, sua mãe já dormia. E mais nenhum som poderia se ouvindo, nem gritos ou choros, lamentos ou sussurros de orações, era toda de silêncio a casa novamente, só a noite podia aumentar ainda mais a ausência, trazendo um leve aroma de medo, bem próximo as narinas e lhe faz adormecer outra vez, feito um menino, outra vez pequeno e medroso, temeroso a noite e seus mistérios, quando necessário fazia-lhe dormir uma mentira de sono. A irmã e a sobrinha já tinham ido embora. Vera estava sozinha, e Ítalo se sente mal por tê-la deixado só, mas ao lembrar de Pedro e sua chegada inesperada, sente como recompensa, como perdão para si mesmo. Na sua garganta a dor por tudo que deixou sufocar. Por todos os gritos que guardou. Por todo o choro que engoliu. Era ele, a sua dor, sua vida todos os sons, os ruídos e os barulhos que o atormentavam.

Tomou banho antes de se deitar, lavou bem as mãos para tirar o cheiro dos cigarros e escova seus dentes. Pensou que poderia estar chovendo lá fora, mas não, eram apenas ventos fortes batendo nas árvores. Tudo estava denso nele, pesado. Sem nada para acalmar a agitação quando tudo passou a ser seu quarto e a luz apagada, a imagem de Pedro e um pai morto, ondas altas, estava frio.

Preferiu não jantar, não sentia fome naquele momento, estava sem apetite. Vai deitar em sua cama, as mãos ainda tem cheiro de fumaça e de homem, nem o banho e o sabonete foram capazes de tirar. Uma janela é aberta, Pedro lhe ocupava os pensamentos naquela

hora. O rapaz era tão bonito, pensava mesmo quando não queria pensar nisso, mas preferiu não mandava mensagem, achava que não tinha força para isso, que não era sua hora, não era o momento. Ficou até a madrugada entre seu quarto e a os fundos da casa, olhava o celular e tentava se distrair como podia. Pesquisou um Pedro no Facebook, mas não encontrou. Pensou que possivelmente poderiam terem amigos em comum, e seria possível achar ele. Passou muito tempo procurando. Mas só tinha aquele nome: Pedro, Pedro...

Queria outra vez olhar a imagem daquele rapaz, para não deixar apagar qualquer detalhe. Mas não achou nada. Então desistiu, mas antes de se deitar para enfim dormir, tomou um copo de leite e um remédio para dormir, precisava *apagar*. Seu corpo agora estava cheiroso e suave, mais leve, só não suas mãos. Tudo caia muito bem. A casa dos pais, o vento frio. Mesmo sufocando. Mesmo triste, *mesmo que seja noite* e uma noite de ausência. O remédio provocou um sono pesado. A noite é sua ausência. Todo silêncio é seu transporte para algum lugar. A cama tinha lençóis coloridos e um cheiro gostoso. Era as macias mãos da mãe que sentia.

Ítalo fez a viagem para a casa dos pais em cima da hora, por conta pai ter piorado, o quadro rapidamente se alterou. As coisas pareciam ter melhorado naquela semana, mas foi só uma falsa impressão, seu pai voltou a ser internou no domingo pela manhã. Era um domingo ensolarado na ilha, o que lhe lembrar das manhãs iluminadas de sua infância.

No hospital, enquanto aguardavam para falar com o enfermeiro-feche daquele plantão, aconteceu um óbito. A filha desse idoso começou a gritar no corredor e quebrar as coisas. Ela era gorda e estava vestindo um vestido de lycra florido. Logo ela fora acudida e gritava sem parar: “salvem meu pai, salvem meu pai”. Ítalo olhou para o lado e sua irmã

estava chorando. Sentiu como um *presságio*, e acreditou que a irmã também e que esse fora o motivo do choro, das lágrimas tão reais que lhe desciam o rosto triste e angustiado, isso lhe fez doer no mais fundo das costelas, sentiu medo e vagamente a imagem do pai quase sem vida lhe levou até aquela filha que acabara de perder o seu pai, se sentiu partido ao meio, capaz, mesmo na incapacidade provisória, de sentir a dor daquela mulher.

Como ela, como se nele, como se também caminhasse o besouro estranho, de tamanho maior que o comum e lhe envolve o coração. Será luto que se chama quando o coração se acomete com um corpo de escuridão e passado? Memórias e saudades? Poderia partir, sair daquele lugar e tomar um ar, tomar seu papel de caçula, mas sua irmã, Carol, estava sem qualquer condição de atravessar sozinha aquele bosque sem árvores, totalmente branco e cheirando a éter, com ar rarefeito e sob uma densa cortina de cinzas. Ítalo pede para Carol se acalmar, enquanto dentro de si, seus mundos estavam caindo, pedras que oscilavam e se chocavam umas contra as outras. Sentia quando tudo se rachava, a intensa agressão.

Controlou-se e engoliu aquele mar de rochedo que pouco fluíam, até lhe sucumbir e enterrar.

O enfermeiro-feche lhes chamam para conversar. Ítalo lhe explicou toda a situação. O enfermeiro ouve tudo atento, isso chama atenção de Ítalo. O enfermeiro faz os procedimentos padrões. Verifica os batimentos e a pressão, tudo a ponta para o fim. Uma luz fraca. Aos poucos ia se afastando. Ítalo olha para o pai já inconsciente, cai num vazio e se perde entre os pensamentos confusos. O enfermeiro lhes diz, Pessoal, o quadro do pai de vocês é muito grave, é muito difícil ele reagir ainda, os irmãos baixam a cabeça, dizem entender. Mas na verdade, nem queria compreender nada, ainda havia esperança de algum milagre, preferiam se manterem assim. Estavam a lutar por dentro. A sala da enfermaria parecia ter sido esquecida do resto do mundo. Fazia um silêncio que só era

interrompido pelo estalo que o ar-condicionado. O enfermeiro preparava as injeções e os medicamentos que iria usar. Tirou de dentro de uma gaveta uma agulha grande que penetrou ao braço magro de Ivan, para que pudesse receber o soro. E isso lhes doíam. Ítalo ficou na enfermaria com pai, sua irmã volta para casa para cuidar da mãe.

O sol forte de domingo faz tudo ser quente e caloroso. Mas se concentrou ali. Fazia de tudo para não se perder entre os pensamentos. Agulhas penetrando o corpo, dos dois, do pai e do filho. Um aparelho no peito para ficar verificando os batimentos e a respiração. Porém, tudo muito descontrolado, desanimador, as apneias eram frequentes. A pressão oscilava, mas sempre baixa demais do que esperado. Tudo apontava para o fim. E de alguma maneira os levava por um caminho que nem queríamos andar. Órfãos de pai. Carol pergunta, Ítalo, vais ficar no hospital com o papai, Vou mana, podes ir em casa ver a mamãe, fico por aqui, qualquer coisa te ligo – disse numa voz pastosa, Está bem, vou ver a mamãe, mais tarde eu volto, mano, qualquer coisa liga mesmo – quase implorado tamanha a agonia que sentia.

Ítalo ficou ali, no meio de um mar que lhe afogava os olhos com vento, sozinho tentava se manter firme, conforme as horas corriam e seus lábios iam secando com o frio, o coração apresentava pequenas rachaduras. Estava com roupas finas, o que fazia piora a sensação térmica no local. Sentia fome, mas preferiu tentar ignorar. A porta não se mantinha fechada, era um entre e sai sem parar de pessoas.

Carol sempre estava na casa dos pais, cuidava muito bem deles. Mas era uma mulher frágil, perdera uma criança no parto. Isso lhe fez um vazio tão grande no peito. Conseguiu resistir a toda aquela dor. Arrancar com as mãos do tempo, o besouro do luto, inseto que lhe trouxe tanta tristeza, mas lhe ensinou um novo caminho. Também fez faculdade, mas no modo intervalar. Estudava só nas férias. Era professora. Tinha uma filha. Uma garotinha de oito anos, a Ingrid. Casou-se com dezenove anos, mas ainda ficou morando com a família por alguns anos, só depois fez sua casa e se mudou com a sua família. Morava perto. Se faz necessário ouvir o que a dor tinha a dizer, palavra por palavra num tempo composto, de se levantar e cuidar dos ruídos que existiam dentro dos ouvidos, no olvido de todos. Andar por longos caminhos, sozinha, atravessar a dor, a morte, a solidão e a noite. Para saber o que se é capaz de suportar, de fazer. Carol agora conhecia a força de seus punhos. A gigantesca força que ela guardava dentro de uma cortina de folhas secas. Não sentia que estava só, assim como Ítalo a sentia, hoje ele cuidando bem mais dela, diferente do que fora a vida inteira. Era ela quem sempre cuidou dele. Lhe ajudava na cidade distante, no período da faculdade. Agora via a irmã frágil. A precisando dele, não, mas ele, o caçula sendo cuidado por todos, Ítalo já era um homem.

A estrada é longa. Carol também queria ter estudado música, era seu sonho. Quando pequena foi se matricular na escola de música, mas o professor lhe disse que seus dedos eram pequenos demais para aprender a tocar. Era a década de oitenta, não tinha nenhuma aluna ainda na banda. As poucas alunas mulheres que entravam, logo desistiam das aulas por conta do machismo e da repressão. Ela também era a filha de um pescador numa cidade meritocrata e provinciana. E isso lhe acompanhou durante a vida inteira. Os curtos dedos gordinhos que acabaram com um sonho de infância. Carol demorou muitos anos para amar qualquer parte do seu corpo. Para saber se olhar no espelho e ver sua beleza. Quando Ingrid nasceu, uma nova vida nasce em Carol, tudo muda. Era mãe, se sentia mãe

e dizia sempre para si mesmo que nunca deixar as portas se fecharem para a filha da mesma maneira que se fecharam para ela.

A criança era vida que nascia na casa, no jardim, a alegria dos avós. Todas as manhãs Ingrid estava na casa dos deles, brincava, fazia suas aventuras e bagunças. Seus pais iram para o trabalho e ela ficava lá quando saía da escola. Gostava do quarto que antes era do tio. Do tio Mel, como ela chamava desde pequena. Ajudava a avó nos planos, no uso do celular, ligava a tevê para o avô, espera até a sua mãe chegar do trabalho. Brincava com os panos e as linhas da avó. Agulhas e tesouras não eram administradas por ela, era a avó que cortava os panos, lhe ajudava a modelar as roupas das bonecas. Costuravam pelas manhãs. Ela vinha correndo logo cedo antes de ir para escola, pediu para avó lhe pentear o cabelo. Era a vida. A vida arrastar o tronco caído da árvore no quintal e lhe jogar no fogo, ao crepitar, a madeira incendiava tudo que permanência morto pelo passar do tempo. Costurava na pele da casa uma nova roupa. Ao crepitar a madeira virava cinzas. Uma esperança. Um mar de boas águas. Uma casa cheia para o almoço. A ressignificação das datas. As mudanças. Os pequenos dedos da filha era onde o tempo corriam, eram ágeis, sem medo a carne, do forte cheiro do dia iluminado de ausências, exaustivamente corre os dedos e o tempo, para um fluxo destino desconhecido.

Ivan trabalhou até quando poder, até onde suas forças lhe permitiram. Sua vida era aquele trabalho, suas águas de janeiro a janeiro, e a companhia do filho que teve no primeiro casamento, que há mais de 30 anos trabalhando junto dele, entre chuvas, noites e dias secos, atravessando escuridões e chamas de um sol louco, em águas calmas e agitadas. O porão do barco sempre estava cheio de peixe, de viagem a viagem, a entrada do mesmo era fechada por tábuas inumeradas por números romanos que iam do I ao X, desenho

talhado sobre a madeira de forma bruta, quase, ou totalmente grotesca que obedeciam a um padrão de tamanho.

O destino se fazia nas duas viagens do ciclo, a primeira para pescar em alto mar e a outra no retorno, para vender os peixes nas cidades próximas. E em ambas as viagens, o porão estava cheio. O barco, esse adversário das violentas ondas, navegava friamente por seus tantos caminhos, friamente, até quando ainda estava bem Ivan fazia suas travessias, com seus setenta e tantos anos, ainda viajava em seu barco, o Gaivota, até depois do pequeno infarto e desistir de trabalhar com João, até não suportar mais as feridas que o filho lhe provocou por tanto tempo.

As ondas sacudiam o barco sem parar, enquanto pescavam em alto mar. Era quase insuportável, mas venciam a solidão com o rádio ligado, uma ou outra dose de cachaça, o seu pai lhe permitia tomar poucas doses por dia, duas no máximo. Ítalo sabia que era o segredo da viagem, que deveria ficar só entre eles.

O pai sabia da necessidade, da solidão que vinha como uma estranha ressaca no fim do dia. O filho sentia a cabeça rodar e gostava, era divertido, falava algumas besteiras e depois se deitava, ficava quieto em seu canto, enquanto o barco agitadamente balançava ao vento vindo do Leste, quem sabe da Africana, do Oriente, trazendo partículas invisíveis do deserto até a floresta amazônica, fertilizando a mata e o homem, os seus pensamentos de garoto que penetra, o incomunicável mundo dos homens. Ou quando os outros pescadores chegavam até eles, conversavam por longas horas. Falavam sempre de mulheres e sexo. Ítalo gostava de ouvir atentamente as histórias e ficava imaginando tudo em sua cabeça. “Mas a mulher não meteu o dedo no cu do cara? Ela estava com a unha grande, olha essa besteira, sim, o cara ficou doente, contaminou tudo, tem mulher que não perdoa”. E todos riam.

Na outra semana Ítalo por orientação do professor e maestro da escola fez testes para outros instrumentos. Acabou, mesmo que por contragosto, na classe de clarineta. Um instrumento emadeirado e áspero, comprido e preto, e que só poderia ser tocado usando palheta. Sentia na boca um pouco de dor, gosto de sangue e madeira nos primeiros dias de aula, por conta do instrumento, pois tinha que morder o bocal com a palheta. Sempre o pressionando contra os lábios inferiores, machucando e ferindo. Sua professora era uma jovem magra, que sempre usava roupas compridas e detalhes bonitos nos cabelos. E que depois descobriu ser membra do Testemunho de Jeová. Julia era uma professora extremamente rígida, em especial com os alunos homens, pois estes quase sempre tendiam a querer tirar alguma brincadeira com ela ou quebrar as regras. Julia ainda era muito jovem, sempre chegava na escola de sombrinha e em sua bicicleta de cestinha. Tudo nela era delicado, perfeito e bonito. Com uma flor branca plantada nas sombras. Estava a poucos anos dando aula na cidade. Veio da capital para lecionar. Estudou música no conservatório Carlos Gomes e era licenciada em música. Não passava dos 30 anos de idade. Mas aparentava ser ainda mais jovem.

As aulas de Ítalo com ela eram nas terças e nas quintas-feiras, os grupos de alunos eram divididos por nível. Iniciantes, intermediários e avançados. Ítalo fazia aula com mais duas alunas iniciantes, como ele. Elas tinham uma relação melhor com a professora e aprendiam mais rápido. Ele travava nas aulas e demorava a aprender por diversos motivos, mas se esforçava, era um sonho em conjunto poder tocar na banda sinfônica da escola. Mas mantiveram um mesmo nível naquele primeiro ano de aula. Depois de alguns meses depois nas aulas, Ítalo ficou doente e não foi na aula por duas semanas, como não tinha o número do celular da professora, não teve como avisar.

Quando retornou as aulas, ela estava uma onça com ele. Mandou-o ficar sozinho numa sala treinando notas longas. Parecida com aquelas que lhe entorpeciam os ouvidos, pelo

menos às vezes. Na sala que ficou tinha uma janela larga que dava para um quintal, um quadro na parede e várias cadeiras vazias. Se sentia pior do que nas últimas vezes, acuado, resignado, quem sabe, subjugado, junto de todas essas coisas, alternando entre a sutilidade e a violência, as primeiras manifestações do preconceito iam aparecendo. Ítalo passou a ser chamado de veadinho entre os colegas, se sentia confuso por conta de tudo aquilo, por aquelas palavras que não sabiam de onde vinham e aonde queriam chegar, bichinha, veadinho, fresquinho.

Mas as mãos mais pesadas ainda viriam depois, na exclusão. As barreiras começavam a se tornar presente na vida dele. Contava até dezesseis tempos em cada nota e depois as trocava, e tocava outra vez por mais dezesseis tempo. Era o máximo que conseguia, dezesseis tempos. Julia não quis ouvir suas explicações. Ela parecia ter algum tipo de aborrecimento com ele, algo parecia que lhe incomodava naquele garoto. Ou em todos os alunos homens da escola. Parecia que ela também, assim como os outros professores, os vizinhos, o dono da padaria, os amigos do pai, os primos distantes, os tios, as tias, eram continuação desse mal, pareciam carregar a força capaz de abrir a boca e dizer: “bichinha”.

Mas para onde se poderia correr? Não tem para onde correr, não teria como ele chegar com a mãe, num dia qualquer, após a aula, depois que já tivesse passado por seu quarto e tirado a camisa escola, e estivesse só com sua calça jeans, deslaço e falar: “Mãe, preciso lhe falar uma coisa, é até algo que me deixa confuso e me faz sofrer bastante, por ser um mal que não me pertence, mas que tanto me machuca. Mãe, estão me chamando de bichinha na escola”. Ítalo lembrava bem o que a mãe disse certo dia em casa sobre os homens bichas, suas formas de amor e tudo de ruim que apresentavam. Tudo passa a ser pesado, no vasto tempo volumoso da infância, no vasto tempo... vasto e tempestuoso, em outros lugares as insinuações, *as brincadeiras*, até na aula particular de reforço entre

os colegas que sempre foram colegas e presente, que foram amigos. Só se corre para o ar que falta no pulmão.

Quando Ítalo tinha trezes anos, o segundo barco de seu pai ficou pronto. Era um barco bem maior que o primeiro. Que passou anos sendo feito atrás de sua casa. O barco ganhou o nome de Gaivota, pássaro migratório, próximo do mar. Na volta vieram beirando a costa, pararam no porto de uma fazenda onde uns conhecidos de Ivan trabalhavam. Ítalo ficou encantando com os bichos. Com os cavalos, com os búfalos que se aproximaram conforme a noite.

Pela manhã foram até o celeiro, Ítalo viu vários carneiros correndo e alguns deles tinham filhote, ele mesmo perguntou para o responsável quanto custaria um filhote daquele. Lutou até o pai lhe comprar um filhote. Volta para casa com um carneirinho nos braços. Ainda tinham mais um dia inteiro de viagem, a noite Ítalo colocou o animal para dormir perto dele e lhe estende o lençol a cobrir também seu corpo. Num apaixonado ato de amor e piedade, imaginava que o carneiro poderia sentir frio. Quando seu meio irmão, João, que era bem mais velho que ele, viu aquilo, falou, Ele vai matar esse bicho, já está com o carneiro embrulhado. Então Ivan vai até lá e tira o lençol de sobre o animal. Ítalo passa a noite acordado, a velar o sono do carneiro. O senhor que lhe vendeu o bicho também o deu uma garrafa com leite, diz que é para alimentar o animal, com a ponta do dedo ele prova e sente gosto bom, sente que é confiável para lhes alimentar.

A mãe e a irmã ao verem aquela cena não queriam acreditar. A mãe perguntou logo, Onde vocês arrumaram esse bicho? Quero saber quem vai cuidar dele... Todos ficaram em silêncio, pai e filho cúmplices.

Foi depois do Natal, ao fim de uma confraternização da escola de música. Levaram bebidas alcoólicas e tomaram entre os corredores, quase tudo às claras. Ficaram até a madrugada dançando e bebendo. Depois de algumas horas foram ficando todos tontos e vacilantes, mais soltos e felizes. Ítalo transou com sua professora de música. Ainda era um adolescente, tinha quinze anos.

A professora Julia estava entre eles, vacilante também, assim como outros professores da escola, mas mantendo a descrição e seus limites. Julia, feliz como nunca ninguém tinha visto antes, mas o álcool impedia que qualquer um fizesse julgamento de valor. As portas se fecharam. Todos tiveram que ir embora. Ainda ficaram por um tempo na calçada até as bebidas acabarem. Julia diz que precisa ir embora, mas as meninas pedem para Ítalo lhe acompanhar pelo menos a metade do caminho, era o mais confiável entre os outros garotos de sua idade.

No caminho se beijam. Era madrugada e a rua estava vazia. Ela foi para cima, e o beijou. Seguem para um escuro e as roupas vão caindo no chão. Julia tem seios brancos e pontudos. Ítalo se sente estranho. Mas deixa se envolver. As bebidas lhe ajudam. Seu pênis vacila, fica semiereto, ela parece entender, então se abaixa e o engole todo em sua boca.

Ítalo passa a sentir um prazer nunca experimentado antes. Geme sem nenhuma vergonha. Ela se levanta e impulsiona para baixo, coloca sua cabeça em sua vagina e ele a chupa de forma intensa. Julia retorce o corpo e geme também sem medo. Vão até que ele a come com algum prazer, e ela também sente, ambos se sentem pertencentes em único corpo que agora geme e goza, ela líquida, molhando o corpo dele, ela que parecia instruir por onde se deveria andar.

São como os lírios brancos do quintal, o igarapé atravessa o sítio e se finda quase perto da casa verde, era lá que os lírios nativos nasciam, se espalhando como um infundável tapete verde, mas ao florir o alo de suas dores, apaziguavam o mundo inteiro. Ao colocar para fora sua gala, Ítalo parecia com todas suas flores brancas do quintal, algo nasciam naquele momento, algo saia dele e passava a jorrar nas manhãs, como quando iam tomar café, o lírio branco em cima da mesa, Carol, a irmã mais velha que ele, acordava cedo ia até nas margens do brejo para colher uma flor, colocava num copo de vidro transparente de água limpas e depositava como um sonho no meio da mesa, ao centro, por cima da toalha de renda, entre as louças e as delicadas mãos da mãe, e lá permanecia durante o dia inteiro, perfumando a casa, quando todo o efeito do álcool tivera passado.

Julia se deu conta do que tivera feito, sentiu medo, mas sabia que fora um alívio para os dois, que Ítalo saberia guardar segredo, mas ela foi até a farmácia e tomou a pílula do dia seguinte, por garantia, por ele ter gozado dentro dela e estava disposta a apagar qualquer lembrança daquele dia, era necessário certamente, rio brando de alegria, águas que batem em pedras lisas, os corpos e o orgasmo duplo. Ria ao lembrar de como Ítalo gemia ao lhe foder, sentia vontade de fazer novamente, mas a realidade não permitia, de como ele caminhava sobre as águas do seu corpo e lhe beijava os seios, lembrava, ou quando ela se abaixou e lhe chupou o pênis. Engoliu-o todinho e respirou o cheiro virgem dele. Quando Ítalo chegou em casa naquela madrugada, Vera sentiu o cheiro forte de álcool no filho, ainda lhe chama a atenção. Mas o garoto parecia estar com sono e ela lhe deixa dormir. Então ele vai se deitar, acorda tarde no outro dia passando as onze da manhã, mas sua mãe já nem lhe falou mais nada.

Janeiro se passou em chuvas. A escola de música entrou em recesso. Nenhuma atividade aconteceu. As aulas voltariam só em março. Fevereiro ainda tinha alguns músicos tocando machinhas de carnaval. Mas não fazia parte das atividades oficiais. Então praticamente ficaram dois meses sem se verem, aluno e professora. Tempo suficiente para colocar as coisas no lugar ou não.

Ítalo gostou do prazer que sentiu. Mas não alimentava nenhum sentimento. Era consciente que era gay, que gostava do mesmo sexo. Aproveitou o recesso e viajou primeiro com a mãe para a capital. E manteve tudo em segredo, nem para seus melhores amigos contou. Julia parecia presumir que ele manteria em segredo, e ela estava certa, ele não comentou nada.

Quando as aulas voltaram a professora Julia agiu como se nada tivesse acontecido. E isso de alguma maneira fazia Ítalo se sentir melhor, em outra não.

E era estranho a primeira vez ser com uma mulher, com sua professora de música, com a professora que tanto implicava com ele e era casca dura. Nada mudou, exigência a mesma. Reclamações ainda maiores. Ela sempre querendo mais do aluno e o aluno cada vez dando menos de si.

\*\*\*

Ítalo então decidiu sair da turma de clarinete. A professora continuava ainda mais cruel e ao lembrar que eles tiveram feito sexo, só pioravam as coisas, ela tornava tudo ainda pior. Ele não comunicou nada a ela, saiu da turma sem avisou, deixou aquele instrumento que

não tinha gostado desde o início, sabia qual seria seu futuro nele, ser mais um clarinete três, entre os vários, ficar com as terceiras vozes das partituras e fazendo nota longa. E passar a fazer parte dos alvos dos comentários do restante da banda, pois sempre que um instrumento desafinava ou apitava, era para aquele lado que olhavam, lá estavam os piores. No clarinete um ou primeira voz, no máximo tinham três pessoas, no clarinete dois, no máximo cinco, já no três, eram mais de quinze e alguns só colocavam o instrumento na boca e fingiam que tocavam. Apesar da saudade que sentiria das suas colegas de classe, trocar de instrumento foi tranquilo, sentia como a melhor coisa que poderia lhe ocorrer. Qualquer paz no coração é bem-vinda. Sem dizer que olhar para a professora Julia tinha virado uma tortura.

Ítalo foi conversar com o coordenador da escola de música e pediu para trocar de instrumento e classe. O coordenador lhe pediu várias vezes para repensar, rever seu pedido, pois estavam sem instrumentos disponíveis, ele teria que voltar a estudar compartilhando-os. Voltar para o zero naquele momento não seria bom, o diretor lhe alertava, Logo poderás fazer a prova do conservatório, ano que vem poderias tentar, sei que tu irás passar, Desculpa, professor, mas não é o que eu quero, Me diga Ítalo, o que aconteceu? Piadinhas dos colegas? Ameaças? Aconteceu alguma coisa?, Não professor, só não é o que eu quero, lhe peço uma segunda oportunidade e prometo me dedicar ainda mais, Desculpa, mas não concordo, Tudo bem, volto outra hora e trago o instrumento.

Saiu da sala e deixou o professor-diretor confuso. Mas Ítalo continuou firme. Voltou na mesma semana e devolveu o instrumento para a escola, e disse que ou era trocar de classe, ou sair da escola. O diretor viu que não tinha saída e o autorizou. Porém, curioso perguntou para qual instrumento iria trocar, se voltaria a tentar trompa? Ítalo lhe disse que não, que iria entrar na classe de flauta transversal do professor Celton.

Na segunda-feira chegou na turma com uma autorização e a cara mais lavada do mundo, o professor ficou sem entender, sabia que ele já era aluno de outra classe há bastante tempo, mas o recebeu, conversaram bastante e reiniciou seus estudos. Fez quase por um mês completo de as aulas só usando o bocal, tirando sons dele, eram cinco ao todo, tapando o orifício do bocal e com o bocal aberto. Encontrar a embocadura da flauta parecia ainda mais difícil. A postura era diferente e causava muita dor, as aulas começam com alongamento dos braços e das mãos, com exercícios para os lábios e rosto como um todo. E como já tinha alertado a direção, era uma flauta para três alunos. Agora com um instrumento que não se soprava quase nada dentro, mas para fora. Ítalo soprava para fora. Soprava para fora todos os medos. Nas horas vagas gostava de ouvir com fone em seu celular, o seu compositor predileto, Johannes Brahms, que de todos era o que mais o deixava anestesiado. Então dentro do seu coração passeava o Concerto n. 3, movimento II, *Andante Sostenuto* e depois o aleatório tocava *Hungarian Dance n. 1 em Sol Maior*. Era o suficiente para manter seu dia calmo. E ao som dessas composições chegava em casa. O pai ausente em viagem. A mãe sentada vendo tevê. A nova classe e os novos colegas lhe fizeram muito bem, se sentia mais feliz por um momento.

Pedro nasceu em Belém e com poucos dias de nascido fora morar com sua família na ilha Caviana, uma das centenas ilhas que formam o Arquipélago do Marajó, situada na cidade de Chaves. Morava com a mãe e o padrasto na ilha, assim como os irmãos que foram nascendo, seu pai também morava no arquipélago, mas bem distante, na cidade de Ponta de Pedras. Nas férias de julho ia ver o pai. Ficava hospedado da casa de sua avó. Quando pequeno gostava de ver a pororoca passando na praia. Ela sempre jogava nela coisas vindas do fundo, um dia achou uma concha enorme, que guardou no seu quarto, colocou flores secas e deixou lá, como um filtro para o ar tenso que lhe rodeava. Mexia com os ninhos de pássaros na beira da praia.

Em pequenas viagens que levava a linha-de-mão e pescava sob o sol forte, sob a umidade da noite. A mãe sentia que no peito o filho era segredo, e no dia que achou aquela concha cheias de flores secas se encheu de ódio, jogou tudo fora e o deixou sem jantar. Ela sabe, como todas as mães, sabem que peito silencioso esconde verdades que não querem serem ditas. Marta temia que essas *coisas* do filho que tanto ele guardava, ganhasse força e fosse maior que sua repressão, que sua verdade. Porém, ela não interferia nas suas pescas, nas suas idas para andar e em sumia por horas. Porém, sempre fora um bom filho, um bom aluno no colégio, coisa rara na região, os jovens geralmente abandonavam cedo a escola, ele era o único de uma turma de 9 meninas, o único rapaz.

Na ilha Caviana Pedro vivia e habitava uma parte de mata. Morava na casa de estranhamento, indolor, uma vida extremamente simples, próximo ao mar, mas navegava por rios gigantescos, que se faziam de igarapé e corriam nas profundezas, sua mãe, unção e fé ausente nele, era casada com um pescador, e ele levava Pedro junto para pescar depois de crescido, se davam bem, mas trocavam pouquíssimas palavras. Ia sempre com seu padrasto e os outros homens da vila para o mar alto.

Desafiavam o mar e depois das horas trabalhando no barco, quando voltava para suas casas, deitavam em suas redes, mas Pedro ao deitar, tinha sonhos estranhos, sonhos feitos com homens e seus corpos queimados de sol e sal, homens com seus corpos pintados de um barro amarelo que se secam ao sol, via no sonhos suas mãos quebrando aquela epiderme estranha, como se buscasse o que estava dentro, guardado, via aos poucos os pelos do peito, os pelos crespos e negros que nasciam pela barriga e iam até entrar nos *shorts*, nas cuecas, no lugar que ele não podia olhar, mas na manhã ao acordar sentia, medo de si mesmo e do que sentia, então lavava as mãos sem parar, como se tivesse que se limpar do pecado, do seu desejo feito de fantasia, sentia vontade de sumir, para lugar algum, onde pudesse ser só, não voltar mais, entrar na praia a noite e esquecer de respirar, se tornava areia, seixo, onda, mar.

Via-se outra vez em sonhos, só que agora na beira de um igarapé, e de repente seus lábios tocavam a boca de um homem, e esse rosto fantasiado em amarelo brusco, mudava muitas vezes, sem nenhuma forma, alguns deles eram conhecidos, dos seus colegas de trabalho, outras não, via sempre um homem estranho, mas qual homem não é estranho? Um as imagens que passou a lhe seguir por muito tempo, como uma rocha submersa no corredor da casa, lá no fundo falso do medo, já úmida e esquecida, como seus testículos, a virilha e todo o desejo, ficavam molhadas. Ressaca. Mar. Espumas brancas. E nas marés baixas sentia o fino raio de sol lhe levar calor em seu coração que era essa rocha, mais do que profunda, sem força, sem um lugar para dormir à noite.

Pedro tentava lembrar de onde conhecia aquelas imagens de rosto com que tanto lhe seguiam durante a noite, mas nada em sua memória apontava uma raiz, uma razão, o motivo pelo qual um homem desejaria a mata fresca do corpo nu de outro homem, sabia que pertencia ao passado ou era apenas o presente servido como o pão na manhã em que família se senta a mesa, talvez se liga ao início da adolescência, dos desejos, de quando todos passam a se conhecer.

Pedro caminhava sempre na praia pela manhã.

Pedro sempre se perdia entre as areias, o homem enchia os pulmões de silêncio, de ondas, brumado pela ressaca dos ventos fortes, na praia em buscava daquele rosto misterioso ou apenas um pouco de paz para seu medo?

Por cima de qualquer vida morta, que por ventura se tivera prendido nas redes e lutaram até se soltarem, mas perderam as forças e foram jogados até a areia pelas ondas. Pedro voltava para sua casa com balde com pelo menos três peixes de pele. Embriagados, como ele, por seus amores. A rede ao tocar os órgãos sexuais deles, lhes despertavam o prazer, pensava. Peixes, aves, mariscos, crustáceos, conchas: prateadas, compridos, de todos os

tamanhos e suas cores, seres que experimentavam o prazer e a morte, ainda frescos, com um pouco de vida, uma fina vida que se findara até ele chegar em sua casa, a poucos quilômetros da praia, subia em sua bicicleta e adentrava uma pequena estrada coberta por árvores altas.

Seu bosque de medo. Seu caminho até seu lar.

Pedro pedalava entre folhas secas que se estouram em mil fragmentos que se dissipavam pelo ar em um perfume argiloso a cada vez que passa por cima delas, e o garoto segue, se seguem. A mãe recebia o filho e os peixes com um grande sorriso. Sente o cheiro ruim dele e o manda tomar banho. Pedro enchia um balde d'água e ia para o banho, a mãe lhe levava o sabão e lhe diz, Esfrega o corpo Pedro, toma banheiro direito, se não quem vai passar a escovinha na tua costa sou eu, ele dizia, Sai mãe, caramba, não sou mais uma criança.

*Nóstos. A nostalgia é, portanto, o sofrimento causado pelo desejo irrealizado de retornar.*

Ítalo estava há poucos anos fora, sempre voltava quando podia. Ficava em sua casa nas férias, passava o Natal, a virada do ano e alguns feriados juntos em família. Para ver sua mãe, ficar com o pai, sentir as teias de aranha da casa lhe entrar a narina, tapar a respiração, lhe sufocar. Se sentia feliz por alguns segundos em saber que sua língua não-materna, essa que recebeu da colonização, e que por muito tempo lhe perseguiu com suas regras e por sua leve dislexia, tinha uma palavra própria para tudo o que estava a sentir, saudade. O desejo irrealizável era de retorno aos dias em que o pai ainda estava vivo, o retorno ao coração do pai a bater. O sofrimento causado pelo desejo irrealizado de habitar o coração vivo do pai. Soube logo que seu destino era ser poeta, Ítalo era poeta.

O besouro caminha pela cidade escura, nunca é dia enquanto ele caminha, nunca é certo ou prospero por onde ele anda, seu corpo neutraliza a levedura do pão, da fermentação de todos os alimentos que poderiam compor a ceia diurna e noturna da casa, ausente, a casca, resistente para ele é uma lição que tem que se aprender: ela diz numa estranha língua, sobre as coisas da vida dos vivos, da paciência e resistência em caminhar com a tristeza, o besouro é o poema, mas é apenas um inseto, na verdade, ou não, não é apenas um inseto, é o luto que se derrama sobre a casa, entre a família, entre os cômodos e profundos segredos, durante a noite ele visita o coração.

Ítalo chegou primeiro em casa naquela noite. Pedro ainda iria demorar um pouco. Na vinda aproveitou e parou no supermercado, trouxe cebolas, alhos, cheiro-verde, uma caixa de creme de leite e carne moída. Gastou algum tempo na vila. No ônibus até chegar em casa. Mas sabia que quando chegasse, Pedro ainda não teria chegado. Toma seu banho, troca de roupa. Lava as poucas louças de cima da pia. Lembra vagamente da mulher que atendeu a tarde. seu sofrimento por ter perdido o marido, seu grande amor. Mesmo sendo profissional, aquela conversa lhe lembrou o seu próprio luto. Ficou sentado por alguns minutos na mesa da cozinha. Colocou uma água no fogo. Iria fazer macarrão e carne moída. Abriu o Youtube no celular e pesquisou tangos argentinos. Um som quase chiado tomou aquela cozinha. Levantou e foi preparar a carne, cortar os temperos. Pensou, quando Pedro chegará, o jantar estará pronto, os dois a mesa, o amor queimando a noção de tempo e conquista. Faz ser possível a alegria, faz Ítalo esquecer dos problemas do trabalho, dos relatos e queixas dos seus pacientes.

A água ferve no fogo e ele joga o macarrão, espera uns segundos e mexe com um garfo. Coloca uma pintada de alho e espera ficar pronto. A carne ele lavou com limão e coloca no para cozinhar também com alho, cebolas e cheiro-verde, como gostava. Como sabia que Pedro adora a comida assim. Pensa em fazer uma salada, mas desiste. Deita-se na cama e deixa o celular reproduzindo as músicas na cozinha. Sente vontade de fumar, mas estava sem cigarros e não queria sair para comprar. Quando Pedro chegou, Ítalo já estava com o jantar pronta e eles sentam comem juntos. Pedro trouxe dois cigarros no bolsa e promete que serão os últimos. Vão até a porta, antes de acender o cigarro, Pedro o puxo para próximo e lhe beija. Passa a existir um silêncio e fumaça pelo ar da cozinha. Ítalo se deixa afundo nos braços do seu amor.

Ítalo embarcou no terminal hidroviário logo pela manhã, ainda durante a noite arrumou sua mala, deixou sua casa limpa, pegou poucas roupas, guardou os livros que estavam espalhados por todos os cantos. Separou algumas leituras para a viagens, fez tudo isso quando recebeu o chamado da família para ir em sua casa e ver o pai que não estava bem, pois a doença teve mais algumas complicações. Seria dado o início da quarentena no dia seguinte, a vida ainda estava normal na cidade, antes de sair de sua casa, Ítalo olhou para sua estante de livros e leu o título: *A ignorância*, de Milan, e o colocou na bolsa, algo lhe dizia que poderia ser uma boa leitura, se planejou para voltar depois da quarentena, nem poderia imaginar que tudo iria durar meses e mais meses.

Lembrou que ganhou o livro de um velho professor aposentado que vivia na Ilha de Mosqueiro, conhecido como o poeta da Ilha do amor, mas, Ítalo nunca que poderia imaginar que os próximos dias de sua vida lembrariam tanto aquelas páginas do romance do autor tcheco-francês, que as narrativas aos poucos iriam se confundido. *Nóstos*, a nostalgia é, portanto, toda a imensidão que deixa morrer no mundo, é um braço que se afunda no lamaçal do inverno, do corpo verde do bosque vivo, é a imensidão de tudo que move e se deixa de mover.

Era onde habitava o pai antes, habitava esse passado que Ítalo poderia trazer com a ponta dos dedos, da mãe com todo o seu amor e carinho para com ele. Ítalo sempre voltava na tarde que foram só os dois para a praia, pai e filho, era mês de julho, um domingo bonito, Ítalo insistiu e implorou muitas vezes pedindo para ir na praia, todos seus colegas estariam lá, mas a mãe disse que não queria ir, “eu gosto de ir cedo, levar o almoço, e nada de domingo, não gosto de ir no domingo, ainda mais depois do almoço, prefiro ir num dia de semana, para poder ficar tranquila lá. Mas pede para teu pai te levar”. Ítalo foi até com o pai e lhe pediu diversas vezes. Até que ele aceitou.

Seria a primeira vez que os dois sairiam sozinhos. Ítalo tinha no máximo nove anos, foram depois do almoço, caminharam até a parada do ônibus. Com pouco tempo chegaram na Praia de Mangabeira, e ela estava locada, muitos banhistas, outros pegando sol.

Os dois andaram até um ponto afastado e se sentaram na areia. Ítalo podia ir brincar e tomar banho, mas tinha que voltar de tempo em tempo e avisar para o pai que estava bem, e assim fazia, de longe, dentro do mar, olhava o pai sentado na areia. Ítalo também tinha medo de se perder dele, na mesma intensidade que o próprio pai tinha que o filho de perdesse, se sentia despreparado em viver sem aqueles olhos que lhe protegiam, mesmo que por segundos. Suspiros leves de sol.

Mas o vento entra pela janela, suaviza por uns segundos seu coração ferido, mas logo para. Ítalo olhou da janela e se sente como o personagem de Camus antes de ser enforcado, como se tivesse prendido, dentro de uma cadeia, e sentia que suas jaulas eram invisíveis, existem nas suas proporções, nas suas intensidades, mas existiam e é isso que importa.

O lírio branco dentro do copo de vidro com água em cima da mesa, durante tantas manhãs, caminhou até o quintal, vai até onde nasce os lírios, nenhuma flor, procura com calma e

nada, voltara no outro dia, pensou, talvez encontrasse alguma flor, ou então irá plantar uma junto a memória.

Ítalo passou o resto do dia lembrando do homem que encontrou na orla. E algo mexeu, abruptamente, em seu coração. Como ondas, andou até lá, Ítalo movia pedras, como se abrisse um sepulcro. Algo não deixava seu coração quieto, no quarto a mãe permanência em completo sono, se restou o tempo, era necessário sentir a dor caminhando nos olhos, em todo o corpo, em todo os pensamentos, deixá-la correr nas veias, calmamente, como se fosse ao mesmo tempo veneno e seu antídoto, como se fossem velhas folhas amarelas a serem levantadas com os ventos, demônios.

O carneiro parecia ter acordado. Ítalo depois de tantos anos se lembrou dele, se deu conta que durante todos aqueles anos fora, tivera esquecido completamente dele, mas o que traria de volta a lembrança? João chegava logo pela manhã e se sentou numa cadeira na porta. Ítalo percebeu o quanto o meio irmão envelheceu. Pergunta pelos sobrinhos e pela sobrinha neta que nascera há alguns meses, João disse que todos estavam bem, as palavras que trocavam ainda causavam desconforto para os dois.

Não conversam, não tiveram nada para falar um com o outro, mesmo que procurasse, mesmo que tentassem, Ítalo agora é um homem e o irmão ainda mais velho, só há silêncio, e o silêncio é tudo que poderia existir entre dois homens feridos que não podem gritar, que não podem pedir ajuda, nunca amor ou perdão, ou só agora o amor e o perdão? O carneiro já é morto, assim como qualquer espírito de amizade, volta a sua memória.

Como as magoas e o passado, tudo é distante, as lanternas que mostram esses caminhos se apagam, o farol das distâncias, os homens que jogam a rede e pescam cobras brancas, ossos ruídos. João sofre pelo pai, os dois eram tão parecidos, Ítalo olhava para ele e via o mesmo andar de Ivan, quase a mesma voz, a mesma cor de pele, formato do rosto e tamanho, dois homens grande, a cortina que separa os tempos, outrora já não é mais.

O futuro caminha na costa do besouro e é tudo o que resta para todos daquela família, mas ninguém ver. Ítalo sentado no sofá ler mais, mais alguns páginas do livro que conta sua história.

João já havia matado muitos animais. O próprio pai lhe ensinou como abatê-los. Mas era a primeira vez que matava assim, por pura obsessão e raiva. O veneno maior vinha dele. Acordou as cinco horas da manhã, saiu da cama sem a mulher perceber. Pegou no armário veneno que tinha guardado. O cachorro da casa ainda lhe seguiu. Pegou um pedaço do pão que tinha e colocou o veneno. Matou o carneiro. Matou-o em seu matadouro do olhar. Envenenar.....trazer as chagas a vista...ver a carne perder seu caminho e desfalecer...a dor do animal não lhe causava nada?...

O veneno não tem lâmina, mas seu ato sim, iria cortar lá dentro do coração de Ítalo. Obcecado por uma vingança que só fazia sentido para ele. João não era mais um garoto, nem tão jovem assim, já era esposo e pai. Silas era pequeno. Seu pequeno filho que trazia no colo e no coração como marcar. Era pai. Podia ouvir pela manhã alguém lhe chamar assim. Acordar duas vezes. Quando se abre os olhos cedo e é apenas um nome e uma história, o segundo despertar é quando a criança acorda e ainda sonolenta chama pela mãe e ver o pai e lhe diz, Bom dia, pai. Bom dia, Filho. A frase percorre todo o corpo e o transforma novamente, lhe muda.

Silas estava só de short e com a cara amassada como em todas as manhãs quando acorda para o café, correu aquela manhã para o colo do seu pai, Silas o ama muito. Mas não são todas as manhãs que João fica em sua casa, que ele acorda com todos. Fica ausente por semanas, deixa o filho ao cuidado da mãe. E João ver isso como algo muito importante. Naquela manhã se senta junto a família a mesa. Mas suas mãos ainda estão envenenadas. Um veneno que ficara.

João gastou muito tempo de sua vida envenenando o coração do pai com seus comentários, suas mentiras e maldades, dias após dias, sentia algum prazer em destruir a relação do seu pai com o irmão, Pai, o senhor vai trazer esse menino para a viagem? Os caras vão ficar falando que ele é bicha, ainda mais com esse jeito dele. Se eu fosse o senhor me não faria isso. O homem por dentro é podridão. Ivan passou a carregar aquele ódio, que se misturava com medo, que o fez olhar o filho com olhos que nunca foram dele, mas isso também provocou o seu afastamento de João. Os três caminhavam para os abismos. Para o lugar que feria o coração. Os anos iam passando e João tomava aquele lugar, mas não de amor, o lugar de quem deve ser mantido longe. Então o pai desiste de trabalhar junto com ele.

E logo depois é vendido e Ivan passa a trabalhar com comercio. Abre um pequeno ponto perto de casa e abandona novamente João. João sente esse golpe outra vez lhe doer muito. Segue seu destino. continua trabalhando. Seu filho também cresce. Silas é um garoto forte, amável com o avô e o resto da família. Mas se recusa a trabalhar com o pai, João se ver sozinho em sua tremenda glória. Mas para quem será mais tarde? Para João sozinho? Para Ítalo que se exila do pai ou o pai que se sente sozinho?

Não existe um caminho. Não pelo menos não um caminho fácil. Todos terão que pisar nas pontiagudas pedras que firmam os passos. o coração do pai é uma montanha sal seco que estraga em qualquer movimentação. Ivan passa a ser a imagem do que se perde. Pensa nas tantas vezes que a mão pesou demais e caiu em Ítalo. Mas sentia, com seu coração de pai sentia, João precisava de perdão, precisava de amor. Não como um milagre, não como uma narrativa que tende a santidade ou ao mais alto ensinamento. Era as duras horas da existência. Onça que caminha a noite pronta para devorar. João estava a cada dia bebendo mais e mais. Silas parecia querer qualquer companhia, menos de pai.

Certo dia João caiu no mar, bêbado, fora socorrido por um colega, mas se machucou. Não tinham ondas altas, tão poucas violentas, eram pequenos banzeiros e estavam perto das ilhas, a rede já estava lançada a sorte e ao mar, ele bebia desde cedo, logo que todo o trabalho começou. João não quis almoçar. Só bebia. Mas tivera feito isso tantas vezes e nunca, nunca perdeu o equilíbrio. Mas o equilíbrio que ele perdeu fora outra. O que era capaz até de fazer sua sombra vacilar. Já era tarde, uma brisa suave vinha de muito longe, um gosto salgado na face. E de repente... caiu, o colega que trabalha junto com ele pulou atrás. João bate a cabeça ainda no barco antes, fora isso que lhe tira a consciência, na água já é um corpo apagado a dormir. As redes ficaram para trás, com ou sem peixe ficaram para trás.

Baltazar liga o motor e corre para o convés para pegar o leme. É necessário o retorno, a ajuda. Até o atendimento mais próximo gastariam muitas horas. Muito sangue a escorrer. Baltazar lhe amarra uma camisa na cabeça e lhe se deita em cima do porão do barco. Naquela viagem fora só os dois e não via nenhum outro barco por perto para pedir ajuda. Na sua cabeça, a única certeza. Ele irá morrer.

À noite, depois das vinte horas chegam à cidade e João é levado para o hospital. Mas no mesmo dia ainda é transferido para a capital. Tivera perdido muito sangue e continuava desacordado. Sua esposa fica desesperada, assim como toda a família. Ele segue em outra viagem, com o mesmo objetivo, receber socorro, receber atendimento.

João chega no Pronto atendimento quase no amanhecer do dia. Vai para a sala de cirurgia e lutam por sua vida. Vida que permanece por muito tempo incerta. João passou muitos dias internado, sem esperança, sem nenhuma certeza e sua esposa sofrendo pelo corredor do Pronto Socorro. Sua cabeça bateu com violência nas balaústras. Uma outra imagem de homem aos poucos lhe abatia nos dias de sofrimento. Em muitos dos seus sonhos estranho, via a imagem do carneiro morto, que depois se transmudava na imagem do

irmão morto, até outra vez mudar e ser a imagem do seu filho morto, de Silas morto. E tanto doía. Seu corpo deitava por alguns minutos com a sombra da morte, mas viverá.

Em grego e nas línguas dos gatos, nas línguas das plantas, dos peixes e em tantas outras línguas, retorno se diz *nóstos* ou *ekáre*, *kābi*, *koaraxi*, *anga*, *ywy*, ou se diz em frase compostas: águas de março, águas mortas de setembro, ou o barco não espera por ninguém, ou, se tratando de quando um homem viaja para o coração de outro homem, filho para o coração do pai ou do pai ao coração do filho, se diz: siga os canais submersos. Aysú. O amor. Yumué aysú. O amor corre em rios.

As palavras foram os primeiros símbolos. Símbolos longos e quase infindáveis do mar e da dor.

A palavra demorou para habitar a composição do corpo e dos afetos de Ítalo. O luto andando nas memórias, escurecendo as manhãs. A primeira cena nesse novo palco é de esmorecer. Lhes fugiam como os primeiros peixes, da rede de pesca feita de saca de farrapilha, que usava na infância para pescar perto de sua casa. Num fim de tarde de setembro, período das marés mortas. Ítalo colocou amarrada aos trocos da ponte sua pequena rede.

No outro dia, pela manhã, logo cedo correu até a sua rede, pescada nelas duas jararacas-brancas e alguns peixinhos mortos. A cena lhe assustou tanto. Contou para mãe que ficou horrorizada e o proibiu essa brincadeira. Vera pediu para o genro ir tirar a redinha com as cobras mortas. Isso afastou Ítalo dos igarapés e da pesca. As duas jiboias brancas mortas, foram como as palavras que depois lhe cercavam os dias e as aulas na faculdade de psicologia, um símbolo a vencer, uma experiência ruim que marcou um pensamento profundo.

Deixou para trás aquela rede, e só mais tarde voltaria a pescar, mas ainda com um garoto, com a imagens das duas cobras mortas lhe olhando como se em um vazio dissessem: yumué.

Pedro voltou para a casa que era de sua avó, também morta há poucos dias, resguardando o luto e sentindo a santidade dos sete dias de rezas, seu pai estava para casa dele, que ficava em outro bairro, raramente ele ia o visitar. Só uns poucos almoços de domingo. Na casa da avó morta apenas ele e a sua tia Debora, que morava com ela. Meia idade, sem filhos, professora de matemática, um pouco seria, mas afetuosa com o sobrinho. Faziam as refeições juntos, quando podiam ligavam a tevê e assistiam também. Sempre em silêncio, calados, cada um em seu mundo.

Pela manhã quando Debora acordava ela liga a rádio e sintoniza uma rádio da capital, Song Love, que só tocavam músicas internacionais antigas. Pedro tinha o fim do sono e o despertar alimentado por aquelas músicas e o cheiro forte do café exalando na casa.

Quando levantava Pedro lhe dava bom dia a sua tia, e ela lhe passava a mão em seus cabelos. Ela lhe perguntava se queria comer algo ou se tinha dormido bem. Pelas manhãs *the song dead*.

Debora se sentia grata por ter o sobrinho naquele momento, quando todos voltam para suas vidas, depois do enterro, depois que terminam os setes dias de prese e novamente a imagem dos santos voltam a sentir a poeira do esquecimento. Só ele que ficou com ela depois dos primeiros dias. Estava sondando com o sobrinho o que ele iria querer estudar na faculdade. Debora ficou muito surpresa quando Pedro lhe disse que queria fazer artes visuais. Aquele garoto tão duro e fechado escolheu algo tão cheio de cores, pensou Debora. Então, pela primeira vez Pedrou pegou o celular e mostrou fotos de seus desenhos e colagens. Ele realmente demonstrava jeito para coisa. Era habilidoso com os lápis e pinceis. Seus desenhos tinham uma força grande. Debora se ofereceu em lhe ajudar no que fosse preciso. Pedro então entendeu que tinha a tia, e a tia entendeu que tinha o sobrinho.

O sorriso de Ítalo despertava o sorriso de Pedro. O rosto. Pedro sentia que lhe fazia bem, lembrar de outro lhe despertava. Lembrar do outro é lhe olhar, ter a vaga noção do desejo, lhe fazia sentir, não ruins, talvez apenas desconhecidos afetos. Assustadoras antes de irem se tornando afetuosas. Ondas que se chocam contra as pedras e sobem pelo ar. Levando para o alto todas as coisas sobre amar. Tocando o céu ainda baixo em suas redes, que se espalham na relva e alimentam o homem apaixonado, Amor, será que vamos conseguir contra tudo isso, Tudo isso o que Pedro, Nossas famílias, o mundo que odeia os gays, tenho medo de um dia apanhar na rua, ou ter na porta um grupo de velinhas do círculo de oração orando em nossa porta – riu, Vai ser difícil, mas sim, vamos conseguir, tu sabes que sim, e outra coisa, penso que nossa vida é algo particular, não precisamos ter a aprovação das pessoas, não estamos fazendo mal para ninguém, nem cometendo nenhum crime, Eu sei, mas cresci vendo pessoas como nós sendo colocadas nos piores lugares, tendo as piores mortes, Mas já avançamos muito, as lutas, a resistência tem mudado, hoje ocupamos os lugares de forma diferente, não apenas em sombras e segredos, amor, Tens razão, não é mais motivo de vergonha ser do jeito que se é, amar do jeito que se ama, e eu te amo tanto, Eu também te amo muito.

Pedro estava longe de sua casa. Morou por dois anos em Ponta de Pedras, na época que o padrasto teve câncer e sua mãe estava cuidando dele. Essa era a segunda vez que ele moraria longe da família, aliás, dessa vez ele não apenas se mudou, mas começou sua vida com outro homem. Na época optou por ir para a casa da avó paterna, dona Lucia, mas não sentia a cidade como sua, não conhecia muitas pessoas nela, mas se sentia que poderia pertencer no futuro. Agora essa casa onde passou a viver, parecia continuação do seu próprio corpo. Viver com Ítalos parecia ser, mesmo que intenso, a coisa mais natural de sua vida. Seus pés encontravam o pé no outro a noite, assim como todo o corpo, a

boca, a língua, o coração e seus sentimentos. Assim é todo o homem. Feito de tudo que vem das montanhas sedimentadas.

Passou horas pensando se Ítalo iria lhe mandar mensagens ou não. Mas porque queria receber mensagens de um homem desconhecido? Ele não era veado, pensou. Ou era? Não, não era, Pedro estava decido, não era. Se aborreceu consigo mesmo. Mas nenhuma mensagem chegou. Pensou consigo: “Que patético”, mas no fundo, dentro do coração que era só em carne e sangue batia, Pedro torcia, Vamos cara, manda mensagem, seu porra, foi para isso que te passei meu contato. A noite demorou uma eternidade para os dois, o outro dia ainda mais, Ítalo olhava o número e pensava se mandava mensagem ou não, mas resistia, não queria parecer um gay desesperado, ensaiava o que poderia mandar, mas desistia, até que deixou o celular de lado e esperou anoitecer.

Ambos esperaram a noitecer com muita ansiedade.

Pedro estava certo, não iria dormir sem antes desenhar o rosto de Ítalo, pelo menos do que lembrava. Foi na sua mala, pegou o caderno de desenhos e o grafite, entre sombras e traços, grosseiros, uma fumaça subia. O homem era colocado no papel. Como um registro, uma grafia dos seus punhos. Os traços levam para um lugar. Para onde sempre se guardou, para o que não se pode contar no almoço de domingo. Ao desenhar sobre as folhas do caderno, os dedos de Pedro e o grafite se embriagavam, tantos músculos e perenidade. Era seu segredo. Mas não tanto mais segredo. Sua tia agora sabia dos desenhos. Desenhar Ítalo era adentrar na negação.

Andar sem navalhas e lâminas por onde se cortar. A cada vez que lhe feria o corpo, pensava em parar. Mas dessa vez era necessário ir até o fim. A terra é sedimentar. Pedro tem partes de rochas e solidão. A divisão era feita no meio de um sítio. Cercas que passam demarcando um novo tempo. O afastamento é como a terra sedimentada, dividida. Colocada em outros nomes. Como uma pátria que muda sua língua, um país que em um belo dia troca sua capital. Onde se caminha, sem se pensar na queda.

No tempo que morou em Belém saía para as festas com as irmãs, cada qual para seu lado. Fazia tudo que podia, envolvia-se com as mulheres e travestis. Certa noite sumiu para o lugar chamado Matadouro junto com a Cacá, uma travesti negra de quase dois metros de altura. Ela lhe mostrou o céu desconhecido. Depois de Cacá veio muitas outras; João era um jovem bonito, ele não se importava de se envolverem, pois era garantido diversão e prazer.

Porém, João estava ficando sem dinheiro, sem roupas, sem nada. Cacá que aos poucos fora se tornando uma colega, lhe disse numa noite depois de terem fodido, que ela poderia arrumar uns serviços para ele. Ele se animou. Perguntou logo qual séria, ela sem nenhuma piedade lhe jogou no peito, Nada que tu já não tenhas afinidade, só comer o cu desses caras casados, eles adoram um novinho forte como tu, eles pagam bem, tem grana, desde padeiros até médicos, sempre tem clientes para foder contigo, ele lhe disse, Lá vou ficar comendo cu de fresco, É mesmo? Então fica passando fome baby, se mudar de ideia, sabe onde estou” – lhe disse Cacá soltando um risinho no ar.

Naquela noite ela fora atender um cliente no centro, um médico de família rica. Ela, com um vestido vermelho belíssimo, cabelos penteados, o corpo cheiroso e a chuca bem feita, sabia que seria um atendimento VIP, quem sabe até rolasse uns drinks. Aquele cliente sempre lhe tratava bem, se viam num quartinho próximo a Batista Campos. Cacá era linda, todavia, bem mais que um corpo bonito, ela possuía sonhos...

João ficou dias pensando na possibilidade, sem grana e com as irmãs lhe pressionando a trazer alguma renda. Então ele aceitou o primeiro cliente, Cacá ajudou, mas lhe deu logo os comandos, lhe explicou como funcionava, ele teria que andar com os próprios pés. O primeiro cliente fora um homem chegando aos cinquenta anos, sem “pinta” alguma, mas logo que lhe viu mandou tirar as calças e lhe chupou o pau sem parar, colocava tudo na

boca, fazia garganta profunda até se engasgar. Então deu para o João de quatro e gemia alto, ia aos céus. No fim pagou bem. João via tudo como um trabalho.

Era apenas um trabalho, gostava de lembrar Cacá quando ela perguntava como tinha sido comer os velhos, “não sou fresco, tá louca Cacá?”, ela lhe disse, “tá bom baby, e eu então ainda sou uma garotinha virgem” e ria alto na cara dele.

João se sentia vazio, mas tudo era apagado, esquecido quando Cacá e as outras meninas chegavam, quando as drogas começavam a circular entre eles. Olhou para o luar e pediu, Que eu seja feliz, que eu sinta amor. Então uma das meninas, a Richelly, lhe pegou pelos braços e lhe levou para os fundos da festa, se beijaram, era o que importava. A noite era finda, mas ele não, ele continuava, tão aceso quanto as chamas do luar. Antes de tudo ser o ódio. Como as tantas fogueiras que pulou no São João de sua vida.

O pai já é morto. Mora embaixo da terra, nos rios submersos. Ítalo perde a visão como planta cortada. Mas renasce quando o jardineiro da vida lhe toca as raízes. Mas enquanto o pai ainda podia respirar, se consciente ou não, nunca iremos saber, Ítalo lhe disse o que passou anos se preparando para dizer. Estavam só os dois no quarto, fazia quase meia hora que a última enfermeira tinha passado para verificar seus os sinais vitais, Ítalo começou lento, Pai, tenho algo para ti falar, é algo que sei que o senhor sempre soube, se não sempre, em algum momento soube – sua voz folha um pouco, um choro tenta saí a força, mas ele resiste e volta a falar depois de uma pausa, Eu gosto de homens, sou gay, mas isso não me torna uma pessoa pior ou melhor, sabe pai? As pessoas julgam, falam, mas só nós sabemos a verdade, não é uma escolha, é algo maior, a mãe nunca aceitou bem, pai, mas sempre foi mais fácil falar para ela, desculpa essa demora para lhe falar tudo isso, desculpa dizer só agora, não sei se deveria ou não falar, mas meu coração queria te falar tudo isso. Passamos anos vivendo nas sombras de tudo o que o João falava e dizia, suas mentiras, sobre o julgamento de sua língua venenosa, mas sei que ele não é o único culpado, as pessoas sentem raiva ou uma espécie de medo de nós, os gays, ou do que sentem e nunca se permitem sentir, então por isso, julguei que deverias ouvir de mim, sou gay pai. O pai continuou imóvel, mas vivo. Talvez tenha escutado aquelas palavras e seu coração tenha dito, Te amo filho, isso não importa, se cuida. Todos nós somos diferentes uns dos outros, amamos coisas diferentes e no final o que mais importa é como nossa vida irá afetar a vida dos outros, seja forte, lute por tua felicidade, seja sempre um bom garoto, o meu garoto, filho.

Ítalo aos poucos vai criando vida em si, como planta; lírio branco, açucenas.

Ítalo conhece alguns caminhos, é seu segundo grande luto, quinto luto somando todos que passou na vida. Porém, nada é tão estranho quanto perder um pai. Olhar para mãe que sofre e não poder lhe arrancar a dor, pois também a sente, lhe fazia estremecer.

Ítalo estudou na Universidade Federal do Amapá, fez o curso de psicologia. Morou numa república de estudantes e usou muitas drogas nesse período, mas era um excelente aluno, gostava das viagens que embarcava nas aulas, passava horas à deriva no humano, na mente obscura daquilo que chamavam em sala de subconsciente. Estava à beira da loucura, mas sabia quando voltar? Nunca ia perto demais, e nem longe demais. Aprendeu isso nas viagens.

A criança que viu o carneiro morre subitamente numa manhã, de repente, assustadoramente de repente, de sua boca saiu uma espuma branca e ia aos poucos ia desfalecendo, se apagando ao se distanciar da vida, carneiro da infância que certo dia amanheceu morto, além disso.

Desse sopro que faz a espinha dorsal se manter erguida. Viveram muitas coisas juntos. O carneiro estava crescendo, ganhava corpo e peso. Em sua cabeça tinha as raízes dos chifres, Ítalo podia sentir com os dedos. Apenas as pontas para fora da cabeça.

A rep ficava próxima a universidade. Era um prédio antigo e pertencia a uma família que decaiu. Na frente um pequeno jardim e nos fundos um extenso quintal. Os quartos eram grandes. A sala fora feita de quarto também. Os banheiros eram antigos, sempre apresentavam problemas. Mas era um bom lugar para viver e sempre que um novo aluno chegava, quando outro sai depois de formado, no fim de semana mais próximo faziam uma festinha. Tudo escondido para a universidade não saber. Convidam outros colegas.

Cada um levava uma bebida ou algum fumo. Todos beijavam todos. E na segunda-feira, tudo continua como se nada tivesse acontecido. Como se fosse apenas uma maneira de

fazer parte, um ritmo inicial. Perto da rep tinha uma padaria, um supermercado e uma farmácia, e isso ajudava a ganhar tempo e economizar dinheiro de passagens de ônibus.

Macapá era uma vista bonita para Ítalo, gostava de marcar encontros com rapazes no Forte, com a visão do rio, o sentimento de estar no meio do mundo, o vento gostoso. Gostava de ver o dia anoitecer ali, ver o escuro nascer e poder beijar nos cantos, tocar o outro com sua fome de sexo, com seu desejo.

Todo esse tempo fora e longe da família lhe ajudou a amadurecer. A mudar tantas coisas em sua curta vida. Passou a entender sua sexualidade e todo o amor que se moldava de pedras e as águas agitadas. Confusas. Poucos meses que deixou Breno, seu primeiro namorado, que tanto lhe fez feliz e lhe fez sofrer. Com quem passava os fins de semana, com quem almoçava aos domingos e ia no cinema, para quem contava os segredos e medos.

A família de Breno recebeu Ítalo muito bem, sempre dormia lá, passava o dia. Ainda morava no seu coração um vazio de lembranças, saudades. Estava superando uma sua *bad*. Sofreu muito, chorava muito, passou vários meses sem rumo, perdido. Sem querer saber de outro amor, conhecer outro homem. Para onde ia sentia falta de Breno, seu primeiro amor. Como um luto. Era consciente disso, sentia falta do sexo quente da noite, dos domingos juntos assistindo filmes na tevê, dos passeios, das brigas e das noites que dormiam juntos numa pequena cama de solteiro de Ítalo. Mas era a hora da partida. Ele sabia, Breno sabia. Estavam se fazendo mal.

Desde então estava só, num vazio estranho, sem ânimo para ninguém, até se divertiu no carnaval, ficou com algumas pessoas, beijou muitas bocas, mas nada que pudesse lembrar no outro dia como *boa lembrança ou recordação*.

\*\*\*

João acordou cedo naquela manhã. Preparou o veneno e colocou num pedaço de pão. Levantou-se em si mesmo ainda mais cedo, aliás, nem conseguiu dormir a noite, algo

queimava com muito ódio dentro de si, dentro do seu coração, queria mesmo era fazer o próprio meio irmão sumir, dar o veneno para o carneiro comer, era muito pouco perto do que de fato se sentia capaz de fazer. Matar aquele animal lhe ajudava a viver um pouco, ocupar parte daquele substancial ódio que sentia. A calmar a raiva que sempre aumentava nele. Ao jogar o alimento envenenado para o animal, sentia como se matasse o próprio meio irmão. Como se matasse, Ítalo, aquela criança que nascia no coração do seu pai, aquela criança tão delicada e cheia de um jeito que lhe aborrecia. Que vivia dentro do coração do pai deles, de Ivan. João pensava, o pai nunca cuidou dele como cuidava dos dois filhos do segundo casamento. João pensava que seu pai nunca cuidou dele como hoje cuida de Ítalo, cuidou de Carol. Aquela maldade lhe alimentou por muitos anos. E hoje é seu assombro. Escondeu o sol pela manhã e fazia as semanas se dissiparem. Seu trauma era a única luz que mostrava os caminhos, mas ele não deu nenhum passo.

Pedro chegou primeiro. Acendeu seu primeiro cigarro, mas pensou consigo, depois que todo esse mar se acalmar, iria diminuir ou parar de vez com isso de fumar. Antes de chegar na metade do primeiro cigarro, viu Ítalo se aproximar, de longe viu seu rosto, como se o vento ondulasse em seus olhos. Semelhante a página riscada com grafite. Mas não deu tempo de pensar mais. Era a hora do seu retorno aquele mundo misterioso. Ítalo parou em sua frente e sorriu. Percebeu que ele tinha acendido o primeiro cigarro, o que poderia apontar para uma breve ansiedade ou nervosismo, uma esperança de Pedro ter se interessado por ele, Boa noite, tudo bem, Estou levando... e tu? – disse numa certa calma, Também levando. Não cheguei a te falar, mas perdi meu pai esses dias, então não tem como tá perfeitamente bem. – disse como se contasse um segredo, Ah, não fazia ideia. Sinto muito cara, e estou de luto também, perdi minha avó recentemente, por isso vim para cá. Para o seu velório, Posso imaginar, infelizmente essas coisas acontecem. De coração lamento tua perda, eu sei muito bem como é – disse num tom de quem quer curar uma dor, Infelizmente essas coisas acontecem, e nós nunca estamos para elas, para a morte, nunca, lamento muito tu ter pedido teu pai nesse momento tão confuso e estranho – Pedro lhe diz com uma voz quase terna.

Ítalo lhe responde como se também sentisse seu carinho – Nunca estamos realmente.

Ítalo também acendeu um cigarro. Ficaram ali em silêncio. Mas se olhavam de instante em instante. Depois se afastavam não só dos olhares, mas daquele espaço. Pedro por não aceitar que gostava de homens. Ítalo pelo coração morto que trazia no peito. Mas cada um é uma planta tocada pelo sol forte, se rendem, para renascer a noite, no escuro.

Pedro poderia amar escondido, dentro das grutas distantes das praias longínquas. Que nem quando saiu da escola e foi de bicicleta com o único menino bicha da ilha, entraram numa pequena gruta que só ficava acessível com a maré seca. Deixou o rapaz a baixar suas calças e engolir seu pênis. Queria tocá-lo, lhe abraçar, beijar, mas não tinha coragem,

ficava quase parado, poucos movimentos, apenas puxava o cabelo de Du, só isso. Tinha medo de com isso “se permitir”, tudo fosse sem volta. Se perder e não mais voltar a si mesmo. Depositou sua gala branca na boca do outro e nunca mais voltou a falar com ele. A noite na hora de tomar banho, se tocou pensando em tudo que poderia ter feito e não fez. O lírio branco sob os sonâmbulos dos desejos. A bruma da ressaca.

Depois de uma breve distração Pedro disse, Tu nem mandaste mensagem. – Sem tom de cobrança, Desculpa, mas fiquei com vergonha de mandar mensagem, não sabia o que escrever. O que poderia falar? Sou eu, o cara da outra noite, o estranho que trocou contato contigo – depois riu, Mas porque essa vergonha? Era só uma mensagem, a gente conversava. Mas te entendo, sempre é difícil o primeiro contato, Não quis lhe incomodar, não sabia como tu iria receber a mensagem. Para falar a verdade, acho que estava um pouco perdido, No seu lugar eu também pensaria assim, mas devia ter mandado. – enfim riu um pouco, riso que também contagiou o outro, Eu deveria mesmo. – disse rindo.

Não acenderam mais nenhum cigarro. Ítalo ainda tinha meia carteira, mas não quis mais acender nenhum, Pedro também não demonstrou interesse, se demorava para tudo, para falar, para se abrir, para demonstrar o mínimo olhar ao outro. Foi quando enfim, ficaram de frente um para o outro conversando. Ítalo pode então olhar dentro de seus olhos. Ver seus lábios quando falava alguma coisa.

Falavam de suas vidas rasamente, se abriam e traziam ao presente as lembranças. Ítalo então lhe contou que teve um carneiro na infância. Mas que morreu num dia qualquer de forma abrupta, sem nenhuma doença, sem motivos aparentes. Pedro lhe falou que não tivera animais na infância, mas na sua casa sempre teve algum cachorro. Os irmãos que tinham passarinhos e saíam para caçá-los. Daquele estranho ponto de encontro enquanto

a cidade estava vazia, o amor nascia? O amor chegava, sem avisos. Era uma noite. Ítalo lhe perguntou qual era sua idade, Pedro lhe respondeu que dezoito anos, e lhe perguntou a sua, Ítalo lhe respondeu que tinha vinte e cinco anos. Pedro realmente tinha um rosto de garoto. E Ítalo parecia um pouco mais velho. Tinham quase a mesma altura. Eram dois jovens bonitos. Pedro lhe perguntou depois de um tempo, Não te interessava ter um cachorro ou um gato? Tinha que ser um carneiro, Na verdade, sim, mas eu era garoto e fiquei louco quando vi o filhote de carneiro, insistir muito para meu pai comprar para mim, era a primeira vez que eu viajava com ele, e relutei muito para não ir – deu uma pausa e bom fim disse – E acho que essa foi a maneira dele dizer que fui um “bom garoto”, Mas se eu fosse teu pai, te daria um cachorro mesmo, diria, toma filho, leva um cachorro – disse rindo, Acho que faria o mesmo com meu filho, daria um cachorro, Eu também acho. Mas me fala, e sua namorada, ficou em casa ou veio contigo?, Eu não tenho namorada cara, estou solteiro, deixei meu namoro há uns quatro meses – disse Ítalo um pouco envergonhado, mas vendo nisso sua chance de investida no assunto, Tu és gay?” – disse quase violento, Sim, sou gay – num tom sério.

Pedro já era adolescente, estava se preparando para sua viagem de férias em julho, iria ver o seu pai e a família de Ponta de Pedras. Apesar de pequena também, era bem mais perto da capital. Tinham mais coisas, supermercados de verdade, pizza, lugares para sair à noite. Antes mesmo de completar dezoito anos ia com os irmãos nas casas de festa, eram rapazes grandes e na portaria não pediam documentos. Sempre tomavam muita cerveja. Os primos iam para o meio do são, dançavam, ele sempre quieto. Olhos atentos.

Ainda era abril, as últimas chuvas fortes caíam sobre a cidade e chegavam até sua afastadíssima comunidade costeira, trovões estouravam nos fins de tarde e as chuvas prendem todos em casa. A água da chuva corria pelo quintal e o enchia. Ficavam empoçadas entre as raízes das árvores. Então de longe, próximo vinha o cheiro da mata, verde o mato molhado deixando seu aroma cair no chão e subia pelo ar. Logo todos iam dormir, mas ele tardaria, colocara sua rede no pátio e ficava ali divagando, como se faz necessário quando se sonha com frondosas fronteiras cercadas por mar aberto. Pensava num mapa, ele se fosse possível chegar em outro lugar? Ponta de Pedras era o único lugar diferente que poderia ir, por isso aguardava muito.

Na escola Pedro era um bom aluno, mas sem muitos amigos. Fala bem pouco e preferia não ter muitas ligações. Sabia dos perigos que corria e isso lhe assustava demais. Quem gosta dos homens bichas? Aos poucos nascia a consciência estranha do corpo. Do corpo estranho, das fronteiras. Brumas secas. Orvalho luminoso em aromas. O peso da brutalidade. O peso do brutal amor que lhe esperava. O peso da imensidão sem destino. Mas Pedro corria contra. Tinha sonhos guardados como sementes secas e escolhidas. As regava e esperava o primeiro broto.

Na aula de história conheceu o povo ateniense, sua cultura, seus amores entre os homens como algo livre, a prática do amor como um *tesouro*. A inicialização. Mas tudo fazia tempo demais, pensou consigo. Tinha um pensamento cortado e bem reparado pelo

distanciamento, por viver onde vivia, por ver o que via, nada além de muitas águas. Olhou o livro e as imagens do homem helenístico, tocou o bromo de si mesmo e ficou excitado. Não resistia. Olhava novamente e seus rosto como a face da ave que migra do sul. Não apenas as imagens do livro. Com seu olhar baixo reparava os homens do seu convívio. Quando tiravam a camisa no barco, ou ficavam só de cueca para não engatar a rede em qualquer parte do corpo e serem jogados na água. Passou a ver uma única imagem, imagem longa, mas que remetia a mesma coisa, a uma possibilidade de embriagues.

Os outros meses foram passando mais rápidos. Logo era sol todos os dias. O grande verão. As pescas iriam reabrir. Iria para o colégio pela manhã e à tarde saia para pescar com os homens da vila. A palavra certa era: verão. Verás. Pedro via.

\*\*\*

Na Olimpíadas de Língua Portuguesa na escola Pedro, fora o único a passar para a segunda fase, mas nenhum professor deu atenção, ou mostrou se importar com isso. Poderia ter sido sorte de marcar as respostas certas, que nem acontecia nas provas de matemática. Então passou para a terceira e teve que ir para a capital fazer a prova. Foi quando recebeu apoio e aulas particulares dos professores. Ganhou Dicionários Práticos de Língua Portuguesa, livros de normas ortográficas e literatura. Estava no ensino médio, tivera conhecido algumas escolas literárias; o romantismo, o barroco, o naturalismo e aos poucos chegava no simbolismo. Mas os professores acharam necessário Pedro conhecer a escola modernista do Brasil e ele estudou. Entre tantos autores, leu um conto de Caio Fernando Abreu, considerado um dos últimos modernos. O conto se chamava O pequeno monstro, dois primos se envolviam. Pedro se sentiu tão mexido naquele dia, não tirava os olhos da história nem por um segundo e guardou o conto como um segredo. Fora para

Belém, fez a prova e passou. Sua próxima viagem seria para o Ceará, quarta e última fase. Todo esse movimento o tirou de dentro de sua ilha de submissão.

Conheceu um pouco do que vivia fora, e na viagem se deixou experimentar, se envolveu com o Sérgio, um garoto baiano que também tinha ido fazer a prova. Foi a primeira vez que beijou por completo. Aquele ardente beijo que estoura por dentro de si e ilumina todo o medo. Afasta toda a angústia. E faz caminho para a líquido prata sair de dentro dos homens e escorrer pelas mãos e causa uma pausa em tudo que rebobina na vida. Pedro tocou as ilhas crespas, passou a mão pelo peito matagal de Sérgio, lhe beijou e ouvia aquele sotaque gostoso no ouvido, Meu rei, você é muito bonito, meu rei, Obrigado – oferecia ao outro um sorriso e seu rosto ruborizado.

Longe de casa, era julho, Pedro chegou até Ponta de Pedras. Seu pai era um homem muito calado e raramente se falava. Apenas perguntava se ele estava bem e lhe dizia para ir almoçar na casa dele. Sandro conheceu a mãe de Pedro numa festa e se envolveram, mas logo tudo acabou, sobrou só ele, resultado do sexo rápido. A gravidez no início fora difícil, tentaram ficar juntos ou ter algo, mas rápido perceberam que não seria possível. Kátia estava em Ponta de Pedras por questões de trabalho. Mas voltou para sua terra e levou o filho na barriga, o pai assumiu e ajudava quando podia, mas bem pouco. A relação dele com Pedro só não se perdia por conta da avó, que sempre lutava por notícias dele e sempre pedia para vir nas férias. Aquele filho que foi morar tão longe. Aquele primeiro filho que Sandro nunca viu chorar a noite crescia, estava se tornando um homem. Sandro olhava para o filho e se via nele, em especial no silêncio.

Pedro tinha dois meios irmãos, Thiago e Júlio. Nos fins de semana ou sempre que podiam, saíam para tomar banho nos igarapés da cidade. E no domingo iam para a praia com os primos. Ia sempre o primeiro grupo, só os adultos e eles pegavam a van que passava atrás. Levavam algumas bebidas nas mochilas e uma bola. Voltavam sempre tarde da noite e se reuniam na frente da casa da avó. Até irem aos poucos indo embora, já tarde. Na ilha onde Pedro morava tinham poucas pessoas, as praias sempre eram desertas. Não tinha esse hábito de fazê-las de balneário. Por isso gostava tanto de passar as férias com a família do pai.

O soco que rasgou a pele do irmão fez sair sangue do corpo. Rasgar. Doer. Não quebra nenhum osso de Júlio. Não rachar nenhum laço. Só rasgava somente a pele. Na brutalidade da força. Descer com violência por toda a face. Via seu punho ainda machucado e tingido, Pedro olha para si mesmo antes de olhar para qualquer lado. O que vê? Via o que aquele sangue fazia nele, o que e aonde molhava. Então via uma fera. Via o que tanto queria esconder. Um lírio púrpuro, escarlate que fedia a carne fresca. O rosto

do irmão aberto. Sua raiva aberta. O irmão também lhe acerta, lhe tira sangue e vão ao chão em luta, se batem, se machucam. Tudo é ódio. Sua justiça. Tudo foi resolvido ali mesmo. Com mais socos. Com mais raivas. Choros engolidos com gotículas de sangue. Thiago dizia, Parem com isso seus caralhos, se dão respeito, mas que porra é essa? Caralho Júlio, porra. Pedro! Para com isso também caralho, se olham bufando de raiva. Pedro não pensava em nada. Júlio era só raiva correndo em seu rosto vermelho.

Foi numa tarde de banho no igarapé que pela primeira vez Pedro ouviu seu irmão em meio da brincadeira lhe chamou de veado, depois de reparar que o irmão olhava muito para os outros rapazes e ficava estranho, Júlio soltou a palavra sem pensar direito, Tu é veado, mano?. Pedro ficou enfurecido e pulou para cima do irmão. Júlio disse que era só uma brincadeira, perguntou diversas vezes se o irmão não sabia brincar. E logo percebeu que com aquilo não se brincava, que não se brincava com o íntimo das pessoas. Thiago só observava, entendeu rápido tudo que se passava, era mais atento.

Pedro continuou viajando em julho para Ponta de Pedras, mas evitava os irmãos maldosos. Passou a ter mais cuidados com seus olhares. Foi se fechado em rochedo. Duas pedras lisas de maré nos olhos. Foi tornando-se mineral. Sedimentar. Ao olhar para o passado, para as lembranças, Pedro tenta lembrar se viu Ítalo alguma vez nos banhos de igarapé, e com isso guardou sua imagem na mente, a fotografia sem nitidez do seu rosto, ou seria mesmo nascida apenas do seus sonhos? Será possível? Passou a ter quase certeza que Ítalo pertencia ao passado. A um dia de banho ou uma noite de passeio pela cidade.

Cacá, assim como João, veio do interior. Nasceu Mário na cidade de Cametá. Mas aos quinze anos já tinha saído de casa e conseguia sua grana como podia. Morava numa casa alugada nos confins de uma palafita com outras colegas na época. Para se sustentar, fazia Jogo do Bicho, fez entregas *das encomendas* nas bocas, até que começaram as mudanças no corpo. O cabelo grande, as roupas femininas e a troca de nome. Mário foi morrendo aos poucos, na verdade sua vida fora brevíssima, antes mesmo só lhe chamavam de Digo, um apelido que surgiu na rua de sua casa entre os colegas, mas tarde nascia Cássia ou Cacá, Mário sempre foi para as formalidades, para a escola e nas chamadas de frequência.

Passou usar batons na boca, sobrancelhas arqueadas e as unhas pintadas. Seus saltos e as roupas femininas, sempre com alguma mancha de água sanitária. O seu pai não falava mais com ela, a mãe bem pouco, mas preferia que ela não fosse em sua casa mais. Passou a ser muito comentada na cidade. A prostituição então começou. Foi guardando seu dinheiro. Até que conseguiu ir para Belém e num quartinho sujo nas estranhas do Comércio, fora lhe aplicado o silicone. Lhe amarravam uma corda abaixo do peito, assim como suas mãos e pés na cama também foram amarrados, e lhe fora colocado para dentro, com muita dor e sem anestesia, o que iria se tornar seus peitos. Experimentou uma das maiores dores de sua vida. A dor do parto de qualquer mulher. Passou uma semana de febre, dores no corpo e náuseas. Ficou sozinha no novo quartinho que dividia com as colegas. Todas estavam na batalha, tinham que descansar para trabalhar a noite, ir para outros corres e bicos, precisavam sempre de novas roupas, perfumes e maquiagens por conta do trabalho, ou mesmo para se sentirem bem.

João e Cacá foram se tornando cada vez mais próximos. Ela lhe disse quando o encontrou a noite na esquina: “tu tá sendo bem comentado, o preto do pau gostoso, acho que as aulas que te dei foram fundamentais né, aprendeste muito bem como se come um cu”. Ele só ria.

A noite estava nublada e com certeza iria chover. Tanto ele quanto ela, queriam encontrar logo um cliente sair das ruas. A se proteger da chuva, da noite, dos olhos, da violência. Cacá fora a primeira a arrumar um cliente. Depois fora João. Um carro apareceu e lhe levou.

Outra vez ao centro, a um quarto limpo e com panos de cama cheirosos. Outra vez um homem casado, gordo, malcuidado e cheio de vontade de se sentar em seu pau. O cliente disse que ele fora muito bem indicado. Então o senhor de meia idade tirou a aliança do dedo, como se aquilo diminuísse um pouco seu pecado, e colocou em cima da cômoda do quarto. Se aproximou e lhe disse: “pago o dobro se me deixares beijar essa tua boca carnuda”. João aceitou. Via tudo friamente como um trabalho. Respondeu na melhor maneira. O senhor se aproximou e lhe passou a mão no peito, o pediu para tirar a camisa. João tirou. Então se beijam. O quarto tinha as paredes claras, uma janela de vidros que estava aberta, entrava um vento gostoso, o cheiro delas eram boas, dos panos, do banheiro, do quarto como um todo. A cama era confortável. Então João se deitou e era chupado por toda sua extensão, até os dedos do pé. Gemia por prazer, mas também por obrigação.

A cama confortável e o cheiro bom de tudo era a melhor parte. Antes de ir embora, como o cliente estava feliz com o serviço, gozou duas vezes, o deixou beber à vontade o que tinha no frigobar. João sem nenhum abuso o fez. Cacá já tinha alertado sobre isso, sobre as bondades e os limites. Então se despede e volta para casa com o bolço cheio de dinheiro.

Perto do seu bairro, já na periferia da cidade, comprou uma carteira de cigarro, fica ali pela frente de sua casa fumando. Ouve os barulhos que vem dos canais, das casas, era madrugada, do outro lado da rua tinha uma árvore, ela sempre lhe lembrava de sua casa, seu sítio, a casa da avó. Se sentia bem, se sentia feliz. Seu trabalho era como qualquer outro trabalho, sussurrou no ar para si mesmo. João era jovem, muito jovem e depois de

gozar, seu pau continuava firme e outra vez voltava. Quase ninguém que morava próximo dele e das irmãs sabiam do seu trabalho e isso lhe deixava mais tranquilos. As irmãs de João não se importavam com o *como ele iria trazer dinheiro para casa*, só queriam uma coisa: que ele trouxesse a grana.

No outro dia pela manhã comprou o almoço, alguns alimentos e deixou em casa. Aproveitou também para comprar umas roupas para ele e um sapato. O restante guardou, e muito bem guardado, conhecia as irmãs que tinha. Se por perto ninguém sabia, ele torcia que em sua cidade natal ninguém nem sonhasse com essa história toda. Seu destino. Sua nova vida.

Ninguém podia entrar ou sair da cidade. O mundo inteiro estava vivendo dias ruins. A cidade agora era o mundo todo. O reino dos dois homens enlutados. Os dois homens feitos de minerais. Antes que se morra em amor. Eram poucas pessoas que podiam ser vistas nas ruas. Todo mundo preferia ficar longe. Muitos foram para sítios ainda mais distantes. Em locais que adentravam matas. Mas a cidade ainda estava erguida e não queria cair. O primeiro caso da doença tinha alarmado. Depois a primeira morte assustou demais a pequena cidade de trinta mil habitantes. No entanto, as coisas iam se tornando apenas uma escura tempestade e aos poucos se podia ver que nada mais poderia ser feito. Aquela era a segunda noite. Tinham tanto para conversar ainda. Ou não. Apenas para ver. Iluminar com olhos escuros o que ainda não é nem dia. O que ainda é breve e nem amanheceu. Antes que se morra em amor.

Ítalo perguntou, Pedro, me diz uma coisa, tu ainda estudas ou está estudando, Sim, não, quero dizer, terminei o ensino médio recentemente, esse ano faço o vestibular e tu?, Sou formado, fiz psicologia na Federal do Amapá. Fui estudar um pouco longe, queria me afastar daqui, de casa, do mundo que eu conhecia, gosto de conhecer coisas novas. Qual curso queres fazer, Quero fazer artes visuais na federal daqui. Acho que já é longe o bastante. Eu sempre ia em Macapá, ficava perto da minha cidade, longe era ir para Belém. Aqui é ao contrário né, fica pertinho de Belém, Sério? Só podes estar brincando, tu tens maior cara de quem quer fazer engenharia, contabilidade ou adm. – riu, depois continuou – cara de hetero, mas é um bom curso, gosto bastante de artes, eu escrevo poemas, ah, às vezes faço colagens também, Gosto de artes, gosto de desenhar, por isso minha escolha, vou tentar esse ano. Ah, então temos um poeta aqui, Boa sorte no vestibular. Não sei se um poeta, poeta mesmo, mas sim – riu, Obrigado. Aposto que temos sim.

Por alguns segundos, aquele clima de desconhecimento lembrou Ítalo dos seus primeiros dias em Macapá, quando chegou calouro e perdido. Conheceu a *rep* que iria morar. E foi ao longo do dia vendo seus colegas de moradia. A noite mesmo, depois das vinte e três horas, até mesmo antes, começou a sentir o cheiro de maconha, vinha das portas semifechadas. Ele tinha se alojado na sala até todos poderem se reunir e ver em que quarto e com quem ele iria ficar.

De repente saiu de um dos três quartos um rapaz negro de cabelos grandes, com um cigarro de maconha e se sentou do lado dele. E lhe disse, Olá, tudo bem? É muito estranho esses primeiros momentos, não é? Lembro quando me mudei para cá – deu uma pausa, puxou um trago e voltou a falar – Não conhecia ninguém, vim do meio do mato, eu era tudo muito estranho, cara, É estranho mesmo, tens razão, ainda mais quando se vem de longe. O que tu estás fumando, Só uma *back* de leve – riu, depois continuou – E a viagem? Não entendi bem, as meninas comentaram que vinhas de um lugar distante. Você veio do interior do Pará? Mas veio de Belém para cá, não foi, Isso, sou da Ilha de Marajó. Meu barco saiu de Belém, foi quase cinze horas de viagem.

O rapaz negro, de mãos grandes e olhos bonitos lhe ofereceu um trago. Ítalo aceitou. Tossiu um pouco. Mas logo pegou o jeito. Não só com a maconha, mas com todos os colegas da casa, com o ritmo daquela cidade. Com todo o mundo que tinha dentro dele e espera a hora certa de nascer. Não foi a maconha apenas que lhe fez tão bem, a acolhida do Roberto naquela noite, de entender logo cedo que estavam no mesmo barco, vinham de mares diferentes, mas naquele lugar estavam juntos. Ainda demoraram na sala conversando. Roberto cursava licenciatura em matemática, iria ser professor. Lhe contou um pouco da cidade, entre risadas dizia quais os lugares se podiam foder na universidade, de quem poderia comprar uma erva e alertou sobre andar com estranhos dentro do Campus.

Se sentia assim perto de Pedro, um pouco perdido. Mas sabia que iria achar o caminho por onde seguir com tudo aquilo. Pedro poderia ser um pouco mais jovem, mas era um rapaz lindo demais para Ítalo pensar em desistir ou perder. Meteu a mão no bolso, e mas por fim acaba não tirando mais nenhum cigarro.

Cacá sumiu certo dia. As conversas falam que ela fora para São Paulo. Sem avisar ninguém. Sem nada. João já sabia de tudo. Lhe ajudou como podia, precisava retribuir a ela um pouco de sua bondade, como ela tivera por ele. Nem tudo ficou bem para João, os clientes não faltavam para ele, mas faltava o amor, alguém que lhe cuidasse, Cacá lhe protegia como um irmão, era sua amiga. Mas estava longe. Ela bem que o chamou para ir, para tentar, se jogar na vida, que sofreriam juntos, venceriam juntos. O tempo passou. Rapidamente passou. Os meses se foram. E a amiga era só lembrança.

Certo dia fora acometido por uma doença, uma doença estranha que lhe fazia sair um líquido estranho do seu pênis. Rápido a notícia se espalhou. Os clientes sumiram. O enfermeiro que lhe atendeu no hospital lhe disse que era gonorreia, uma doença sexualmente transmissível, comum entre os jovens. Mas ainda era necessário fazer o exame, que tinha que ejacular num recipiente e lhe trazer. Voltou no outro dia já com mais febre e o resultado dera positivo. As irmãs pouco se importavam, só lhe aconselharam que tomasse os remédios, pois isso some rápido. Mas não era só a doença. Era também a tristeza, o desânimo. Um sentimento extenso que ele não gostava de sentir.

João piorou. Ficava no quartinho em cima do canal jogado em um colchão velho, entre baratas e ratos, sentindo o cheiro de esgoto e podridão que subia. Estava ficando fraco. Não iria resistir por mais tempo sem cuidado. Ivan soube em Ponta de Pedras tudo que estava acontecendo. Uma das irmãs de João comentou com uma conhecida, que contou para outra, para outra, até que lhe chegou nos ouvidos dele. O pai sabia que aquilo não iria dar certo. Conhecia o filho e seu coração tão incerto. Estava decidido. Iria buscar João. Lhe colocar dentro de uma casa e lhe oferecer um trabalho. Com dois dias estava lá, fora difícil encontrar aquele quartinho. Mas achou.

A visão era a pior. Tábuas velhas sobre um canal. Janelas de lona e ele deitado sobre um colchão sujo, sem panos, sem nada. A casa por inteira era só ruínas e parecia que ninguém

a ocupava. João era o único morador. Quando João viu o seu pai ficou assustado, mas estava fraco, nem explicou nada. Ficou calado. Não se sabe se por vergonha ou fraqueza. O coração fica mais forte. Esse labirinto. O pai o mandou se arrumar. Iria levá-lo e assim fez. Ajudou o filho em seu recomeço. Em seu momento difícil. Dessa vez não o levou pelas mãos como na vez que o deixou na casa da avó para ser cuidado, porém, a cena parecia ter alguma semelhança. Como se o espírito do pai fora maior do que tudo nele. Pelo menos naqueles dois momentos.

Ítalo iria nascer alguns anos depois do seu retorno. Mas Carol já tinha nascida. O coração de João parecia ainda parecia morar em algum passado. João conheceu pouco tempo depois Leila, a mulher com quem se casou. Ela já tinha um filho já. O filho morava com a avó em outra cidade. Leila era uma mulher bonita e muito ambiciona. Não demorou muito para terem uma pequena casa com ajuda da família. E para ela, João contava tudo. Ela sabia do ódio que tinha por Ítalo e todos seus atos de maldade contra o pai e o irmão. Ela não concordava ou discordava, mas era uma pessoa ruim também.

A noite deixava Pedro um homem ainda mais bonito. Seu olhar para baixo. O boné cobrindo parte do seu rosto, isso lhe dava um ar de misterioso. Fazia um convite a sua imensidão. Ao homem que era. A toda pele que não deixava tocar. Aos olhos que não deixa ver. Guardava tudo. Tudo de si. Dentro das palavras: *pedra, rocha, deserto, profundidade.*

Pedro era dissonante. Na cidade deserta ele era ainda mais deserto. Seus pés pisavam no besouro. Não era capaz de matar, mas arrancava forças do inseto. Ítalo parecia sentir essa diminuição dentro do peito. Não que doesse menos, mas aliviava. A louca esperança de ficar com aquele rapaz que não lhe permitia avançar, não dava nenhum sinal. Mas nada mudou, nem quando ficaram juntos e foram morar na capital, Pedro era calado, se deitava ao seu lado e encaixava seu corpo ao dele, a cabeça no peito de Ítalo e aos poucos ia caindo no sono. Sempre abraçando com muita afetividade. Intensidade. O mergulho. Ítalo outra vez, Tu és sempre calado assim? Ou é por minha causa?

Antes de responder sorriu, então disse, Sou calado mesmo, falo pouco, mas isso não quer dizer que eu não estou gostando do que estamos vivendo aqui, Ah sim, tudo bem. Onde tu ficas aqui na cidade? – perguntou Ítalo meio embaraçado, Fico no bairro do Carnapijó e onde tu ficas aqui, Fico no Campinho, na casa dos meus pais, Eu sei onde é o Campinho, tem um rio lá perto, não é, Tem sim, fica perto da minha casa, Estou ligado, aposto que tu vivias tomando banho de rio, devias ir muito lá não é, Bastante, nas férias ia todos os dias. Tu já foste lá tomar banho, Sim, muitas vezes com meus irmãos, Te olhando melhor agora, acho que talvez já tenha te visto antes lá, Digo o mesmo, talvez eu já tenha te visto, tenho essa impressão também, sou irmão do Thiago, conhece, Thiago do Carnapijó? Um que é meio magro e alto, Esse mesmo, Sim, conheço sim. Então ele é teu irmão? Com certeza já nos vimos por lá.

Estavam os dois encostados no parapeito. As luzes da praça estavam fortes sobre eles dois, mas era a luz de um afeto estranho, de um amor sem formato. Os bares e lanchonetes estavam fechados, a orla era só deles dois. Podiam ouvir o barulho dos barcos passando no rio. Ainda ficaram algum tempo conversando. Na volta Ítalo oferece carona para Pedro. Ele aceita. Ainda pensa em convidar Pedro a ir em outro lugar. Ver o litoral. Lhe oferecer um beijo quente a boca, mas logo desiste. Eles andam até a esquina. Ítalo sobe na moto que antes era do seu pai, uma Titan 160, azul, 2011. Pedro sobe também, e quase sem querer encosta as pernas na coxa do outro, isso lhe arrepiava profundamente, então Pedro se afasta, como em uma reação química. Ítalo não sente nada, sua mente tenta se concentrar e esquecer a presença que se segue atrás de si, “É aquela casa vermelha”, aponta Pedro com uma voz tremula, Tudo bem, já sei qual é.

Pedro desce da moto e o olha, Muito obrigado, cara, Tudo bem, que nada, hoje eu te mando mensagem, Vou aguardar, boa noite, Boa noite, Pedro.

\*\*\*

Um dos motivos que levaram Ítalo para tão longe fora as brigas com o pai. De um certo tempo passaram a ter uma relação ruim. Era difícil entender aquela mudança. A tão grande paixão do pai parecia ter se escondido. Passou a sempre forçar as situações, mudar suas atitudes, ver o filho como um estranho. Ítalo também se afastou, não deixava de amar, mas se afastava. Parou de viajar com o pai e tomou outros rumos para sua vida. Viu na faculdade uma oportunidade sair de casa, para morar longe. Então foi.

Ítalo ainda chegou a virar a moto e seguir, mas deu meia volta. Gritou por Pedro e lhe disse, Pensando bem, ainda é cedo, vem comigo. Pedro levantou o olhar, queria se mostrar supresso, mas acabou demonstrando ao outro um pequeno toque de alegria que lhe fez bem. Subiu outra vez na moto. A cidade era vazia. A cidade era só deles. Como num sonho antigo em que nas terras espartanas, em que um jovem cidadão saia de sua casa para encontrar um amigo, também jovem e espartano, que na mais pura amizade, podiam transar, se beijar a boca. Sim, num quarto fechado, sob peles de animais, mas com a certeza de que não erravam. Estavam a conhecer os segredos do corpo e da luxúria, a bem mergulhar no amor e na pura certeza de gozo. Como um doce mel. Na pele de um grande animal. Eram dois jovens gays desta vez. Iriam para um lugar sem as peles, sem mel, sem uma língua grega, mas as suas eram latinas, pareciam se entender.

Pareciam buscar um no outro, aquele gosto doce, da mais brava colmeia. Se consumiriam, como se consomem os sonhos. Como se vive o sexo intenso. O primeiro. Aquele que pertence ao futuro. Aos meses que seguiriam. No chão do quarto o sêmen dos dois homens, a prata líquida que fluía no mais intenso gozo. Se expandiam no leito invisível do carneiro da infância. Pedro disse, Me conta de novo, tu tinhas um carneiro na infância, Sim, Pedro eu tive, tu não esqueces isso ne Pedro? Te marcou essa história, Mas como esquecer? Não tem como, do que ele morreu mesmo, Não sei, certo dia morreu do nada”

O vazio da cidade trouxe o tímido Pedro até mais próximo. Lhe trouxe para fora. Como num grande esforço. Colocou sua cabeça, como nunca, no ombro de outro homem. E a deitou sobre ela em ternura. Ítalo ouvia sua respiração acelerada e podia sentir seu coração bater de maneira agitada. Sentia as mesmas coisas, tudo muito acelerado. Seu coração estava feliz. Enquanto estavam na cidade, iam devagar na moto. Ao entrarem na rodovia, Ítalo acelerou, acelerou até sumir no horizonte, como sempre gostava de fazer, e sumiam

para longe, primeiramente de si, depois de um mundo que morria. Até sumir no horizonte.  
Até sumir...

Já no destino dos dois Ítalo disse, Posso segurar um pouco sua mão, Não sei, não sei cara, acho que você confundiu tudo... – estava se sentido confuso, Pedro achou que era muita coisa para ter que controlar assim tão depressa, Desculpa! – falou seco, como se não tivesse mais o que dizer, e talvez não tivesse mesmo.

Caminharam mais um pouco e a mão de Pedro pegou na sua. Ítalo sabia que não deveria falar nada. Que deveria ficar calado. O litoral é um segredo a se viver dessa forma. O vento batia forte em seus rotos. O vento chegava primeiro, antes de tudo, era o primeiro em tudo. Era o cheiro de enseada, da areia molhada. A bruma da madrugada caminha envolta dos seus pés, era o íntimo deles. Era o cenário das mais aguerridas memórias. Como a serpente que se perde na água. Seus corpos.

Na primeira semana ainda em Macapá, Ítalo recebeu a notícia que passou na repescagem na UFPA, se sentiu confuso. Pensou em voltar. Mas outra viagem, outra mudança, seriam gastos demais. Se sentiu vencido e ficou. Se tivesse voltado para Belém faria sua graduação em Serviço Social, estaria apenas duas horas de casa, poderia ir todos os fins de semana e voltar para as aulas na segunda-feira. Mas algo Ítalo precisava se sentir longe, esqueceu seu nome composto, Ítalo Carlos. Lá era só Ítalo agora. E sentia que era outra pessoa. Passava a se reformular. A relação com o pai nos últimos anos lhe fazia mal. Era o caminho faria bem tanto para ele quanto para o pai, só o desejo irreparável de retorno, só a saudade poderia curar seus corações.

Guarda para si esse segredo e frequenta as aulas normalmente. Passa a fumar um cigarro por dia, come regularmente na faculdade, tem uma rotina de estudos e se envolve com muitos homens. Homens mais velhos, mais jovens, amantes e outros que não perguntava nem o seu nome, era só uma foda de fim de tarde, um gozo de início de madrugada que chegava com a ajuda dos *apps* de sexo. Depois deixou os cigarros, mas passou a beber com frequência. Mas o que existia de mais tóxico eram as paixões, os amores curtos e sem força, que tanto lhe machucavam. Tudo comum para um jovem universitário. Quase esquece o pai em casa. A mãe distante. A dor do mundo. Sua maneira, seus jeitos, seu rosto fino e nariz longo, que parecia atrair as pessoas.

Certa noite chegou na sua república e tinha um casal transando na sala, finge não ver, passa direto, reconheceu o garoto, é seu colega de quarto. Ver o cabelo longo de uma menina. Vai até a cozinha e toma água. Se arruma para ir para seu quarto, ainda é cedo, a casa ainda iria demorar para ser reabitada. Na volta ao ver os dois corpos pelados, não resiste. Olha ainda mais. Fica ali parado. Quando se percebe, já participava. Já não tem nenhuma roupa no corpo. E se entrega. E se ama com os dois.

Isso lhe vem à cabeça ao olhar Pedro, um garoto ainda preso, mas que segura suas mãos. Então lhe diz, Acho que se a gente corre essa praia todinha e ficasse cansados pra caralho, nem assim o que sentimos iria se acalmar – numa certeza que lhe fazia sentido, e talvez ao outro também, seus olhos eram iluminados, Tu não soltando as minhas mãos, sendo firme, acho que isso jamais iria se acalmar, realmente, sempre seria adrenalina – disse Pedro num tom mais de humor, mas ainda assim entendendo que era sério, Acho que ficarei firmemente ao teu lado, sou assim, Acho que sei que podemos sim ficar juntos – aparentemente frio, mas sempre firme, Mas não querias tocar minhas mãos ainda a pouco, Não é fácil vencer o mundo de medos, Eu sei, o medo nessa idade é foda, Falou o maduro, Cala a boca garoto. Os dois riram.

A imagem de Pedro como uma pedra, rocha firme. O homem mineral vai aos poucos ganhando uma outra percepção, Pedro também é fauna e flora, litorâneo e amoroso, sua boca é um jambo roxo colhido no pé da árvore. Pedro mostrava seu pomar. Sua porta aberta levava a uma casa de delicadezas e cuidados, de brutalidade e desleixo, de precipício e um jato de gozo firme.

Desceram até mais em baixo, bem próximo ao mar. Bem mais próximo ainda. Ao fundo. Ao ponto das águas lhes cobrirem. Chegavam lá no fundo. Bem mais fundo ainda, mais fundo do que o maior peixe daquelas águas é capaz de chegar. Lá onde água e morte se confundem, foi para lá os dois foram. Seus pés eram tocados por uma areia molhada que se misturava com barro, lhe entravam entre os dedos. O pulmão transmudado em guelras. Respiravam agora como se fossem duas douradas jovens e compridas, pesadas e luminosas. Como dois botos malhados que soltam sobre a crista da onda, Por que demoras para me beijar? – pergunta Pedro, Não demoro mais – lhe disse Ítalo olhando em seus olhos dando a certeza do amor.



Na viagem João disse, Pai, ouvi umas conversinhas no estaleiro sobre o Ítalo, Que conversas, Estavam comentando por lá daquele jeito dele, da voz, coisas não boa. Enquanto o coração de João se sentia bem pelo veneno que disponha ao pai, o pai o recebia da pior maneira. Em forma de dor. Lhe doía o mais amargo do peito. Apertava as costelas. Lhe enchia de vento por dentro e até a respiração se enfraquecia. Não deu uma palavra, passou o resto da semana falando bem pouco com João. Fizeram seus trabalhos. Iriam voltar para casa com mantimento. Mas algo pesava mais que as arroubas de peixes. Era a dor do desconhecido, e da maldade.

Um mundo, um desejo e nenhuma visão. Ítalo demorou para aprender a pedalar. A andar de bicicleta. Só quando estava preste a completar onze anos que aprendeu. Andava numa bicicleta pequena, de criança. Que não demorou para ser abandonada. Pois, além de ser um garoto magro demais, também estava ficando alto. Logo aquela bicicleta baixinha e pequena não servia mais, então ganhou uma bicicleta mais alta.

Saiu ele e a sua mãe para compra. Era uma tarde de setembro e cidade estava muito quente. Foram até o único magazine da cidade e ele pode escolher a bicicleta. Quis uma Caloi, que na época fora muito cara. Anos depois, quando adulto, ao voltar e ver a bicicleta ainda em forma, que foi saber, era uma bicicleta de ferro cromado, uma bike feita para pedalar em estrada de terra. Ainda naquela tarde ele voltou com sua bicicleta para casa, igual a aquela tinha apenas uma na cidade. Isso lhe orgulhava.

Passou a andar para todos os lados em sua bicicleta. Até hoje, quando olha para si e para tudo que mudou pensa, “preciso voltar a pedalar”. Como se isso fosse lhe transportar e mostrar um mundo novo. Uma possibilidade nova de amor.

Mas existe o passado. E o passado sempre é uma casa que acolhe as dores e as magoas. Como uma manhã de chuva. O frio que vai tomando as paredes. E quando é madeira, umedece até o mais profundo alicerce. Mas não tomba. Não tomba? Não. Tudo corre em lamentos. A raiva vai criando espaços e destruindo outros. A raiva é como a chuva, vai mortificando a casa do peito. A casa dos pensamentos. Afoga as plantas com que deveria ser vida, água em excesso.

O passado acolhe o coração ferido dos homens. Acolhe tudo que a ruína abraça. Tudo que se desfaz e não sabe nada sobre metamorfose. Como uma pesada prisão. O pai, sim, o pai, ele não era pai apenas de Ítalo e Carol, também era pai de outro filho. De uma casa que morreu ainda no passado. Distante. Era pai de João. Um homem adulto de meia idade. Um homem de meia idade e também pai, pai de um garoto de quase a mesma idade de Ítalo. João lembra perfeitamente da imagem, do pai a lhe deixar na casa da avó para morar. Sua mãe morreu. E pouco tempo depois os dois tiveram que sair. Ivan chegou de viagem e conversou com João, lhe pediu para arrumar suas coisas, ainda tinha apenas dez anos e estava dormindo em cada dia na casa de uma tia ou tio. Explicou para o garoto que não tinham como continuar daquela forma. Que ele teria que ir morar com a avó, mas sempre que o pai tivesse em casa, poderia ficar com ele. Passar o dia. Lhe ajudar. Ivan lhe disse, Sou eu que irei te dar tudo, só vais morar com teus avós, tu sabes que eles gostam por demais de ti, vais ficar bem. João sabia realmente do amor dos avós, mas era a ausência e a interminável saudade que sentia da mãe que lhe doía.

Ficar longe de casa, do seu lugar de amor, de onde guarda todas as lembranças. Ficar ainda mais longe do pai. João olha pelo corredor adentro e ver tudo em desordem. Diz para o pai que não quer ir, que o deixe ficar e chora. Compulsivamente chora. Ivan tem que ser forte. Sabe que continuar da mesma maneira iria ser ruim para os dois. Para o futuro dos dois. João era um garoto grande para idade, os cabelos enrolados e o rosto tão

bonito. Sentou e colocou o rosto no joelho e soluçava. Ivan então se sentou próximo e disse, Arruma suas coisas, amanhã vais se mudar, mas agora vamos comer alguma coisa, aliás, fazer alguma coisa para comer. O menino continua ali a sentir sua dor. No outro dia pela manhã antes de viajar, Ivan vai lhe deixar no seu novo lar. Ninguém diz nenhuma palavra. O coração de Ivan é desabitado, e sofre, profundamente.

Na casa dos avós passou a viver bem, tinha companhia em todas as refeições, eram que saía para fazer as compras, ajudava nas tarefas que eram necessárias e nos fins de semana almoçam os quatro. O pai sempre trazia peixe e a avó fazia o almoço. A mesa sempre farta e feliz, mas João sentia falta de tudo que compunha sua vida no passado. Em especial de sua mãe. A mãe agora era só uma imagem não mais tão nítida na memória, a mãe era agora a saudade e não mais retorno. O pai em casa era sua festa. Sua casa erguida novamente. O paraíso.

\*\*\*

João passou a trabalhar junto com o pai desde que voltou da sua aventura em Belém. Mas existe o passado. E o passado é uma força. O passado é uma narrativa longa, que ocupa as linhas de um livro sobre... O irmão mais velho, João, passou a odiar o irmão mais novo desde que nasceu e começou a crescer, quando viu o carinho do pai pelo menino. O ciúme. O ódio nele fez uma casa firme. Que nem os ventos, nem os mares poderiam derrubar. Estava erguida sobre terra boa, forte, na rocha, lá em cima, perto do mais sagrado. E quanto mais a criança era amada pelo pai, mais João sentia ódio.

## Ítalos e Pedro



Um pescador caminha sozinho na praia e traz das costas uma rede vazia. Ainda enxuta. Deve ter acontecido alguma coisa, pensou um dos dois; o pescador caminhava com a cabeça baixa. Para Pedro aquela cena lhe lembrou o medo, e em Ítalo, lhe trouxe uma certa angústia. O pescador some numa curva e continua sua caminhada, para onde? Poderiam ir até lá. Ver se o barco do pescador não tivera ido para o fundo, ou se precisava empurrar para a água sua condução que estava em terra, ou se precisava de um fumo, de um gole de cachaça, ou só de companhia, alguém para conversar. Mas não podiam, seus cigarros estavam molhados e suas bocas ocupadas com os beijos. Logo o dia iria amanhecer. A cidade poderia acordar. Mas pouco mudaria. Estavam ali presos. E pelo que passaram a entender estariam por alguns meses presos na ilha, e presos um ao outro, quem sabe? Ninguém poderia saber. Na cidade arrasada cada um tende a sumir de maneira diferente.

Sem ar os dois voltam do fundo, ou do intenso beijo que estavam envolvidos. Sobem até o litoral, tiram a camisa, jogam-nas no chão e se deitam sobre elas. Fazia frio e por isso tiveram que se encostar intimamente um no outro, Pedro deita por cima de Ítalo e ele se sente aquecido. Pedro se sente como um vulcão. Preste. Mas não entra em erupção. São os dois uma irrupção. Os dois homens entendem que por mais que seja grande a excitação, o momento pedia somente a paz. O primeiro colo quente, as palavras e a visão de um céu escuro que se confunde com o passado. Pedia que se conhecessem, que conhecessem a habitação do peito, da casa, dos sonhos, da madeira, das águas caídas, dos caminhos, do homem, dos lutos, do pai morto, da avó morta, do caneiro morto, das praias de Chaves, do homem e seus minerais, do sol.

Tudo com muito cuidado. Tudo com a paz e o amor vindo com muita calma. Ficaram ali toda a madrugada. Ficaram juntos por todo o amor, todo o litoral, todo o mar e a história, era o retorno do homem para o homem e todo o amor sobre uma cidade arrasada e quase

morta. O sol nascia no horizonte. Nascia. Todo o sol. O cuidado. A conversa que caminhava e tocava nas particularidades. Se tornava gargalhadas, alguma saudade e sempre, sempre uma aventura. Sentiam as pedras que encostavam nas costas, a areia que voava até suas pernas. O que se passava sobre a terra. O que mergulhava distante nas águas.

Voltaram para suas casas quando o dia quase amanhecia. Pedro entra na casa da tia em silêncio, mas ela ouve passos e vai olhar, só diz, Então és tu menino, vai deitar. Então ele se deitou. Tudo pesa demais. A primeira vez que se ama é intenso demais. A primeira vez que se quer amar é ainda mais profundo. Seu pênis ainda duro dentro da cueca. Então se masturba. Goza. Pensa em Ítalo sem camisa do seu lado, sua boca molhada lhe beijando e goza. O que vem em seguida é sono sem sonho e poluição noturna. É um corpo que se deita e pode descansar. Que sente entrar pelas frestas do telhado o cheiro do lírio e do cigarro. Se misturam. E Pedro dorme. Acorda tarde, já passa das dez e a tia até fica surpresa, mas imagina que tenha sido o cansaço acumulado do luto, ela própria estava precisando tomar um remédio e dormir, Bom dia, meu filho, toma seu café, Ok, tia. Pedro se senta à mesa, a tia faz o almoço. Então Pedro é tomado por uma coragem estranha, Tia?”, Oi, meu filho, E seu eu gostar de homens e não de mulheres, a senhora ainda vai gostar de mim? Ela fica sem reação, então vira a costa e mexe na panela que já estava no fogo quando ele chegou. Vai até a pia, lavas as mãos. E ele morrendo de medo daquele silêncio, se sentiu inseguro. Então ela puxa também uma cadeira, se senta, Claro que sim, meu filho, não tem motivo para não gostar mais de ti, queres conversar, Sim, mas não agora, me fale um pouco da senhora, sei tão pouco, ela sorri. Então lhe conta um segredo, pela primeira vez ela fala que namora uma outra mulher há tantos anos, que ela é lésbica, mas o tempo passou e ela se acostumou com o mundo do silêncio, do segredo, mas pediu para Pedro não deixar ser vencido pelo medo, o que o amor tem que ser vivido. Depois outros segredos. Pedro percebe que não é o único que tem os seus. Tudo parecia perto, mas também distante. Seus afetos.

\*\*\*

Ítalo passou direto para seu quarto e dormiu, estava com uma sensação boa no corpo. Já eram quase cinco da manhã. A mãe dormiu e talvez nem tenha percebido que ele estava fora de casa, talvez, só talvez. Ele se levantou tarde. sobre a mesa o café, o leite e o pão, a mãe já andava pela cozinha e fazia o almoço. Os cachorros quando lhe viram começaram a latir, queriam passear. Ele olha para fora e ver que o sol já estar forte, então pensa consigo, “mais tarde os levo para passear”.

A visão da mãe lembra outra visão, aquela do pescador sozinho na praia, com suas redes enxutas e seu caminhar solitário. Então levanta e lhe abraça. Ela sorrir. Ítalo passa as mãos em seus cabelos crespos e lhe beija a cabeça. Hoje ele tem duas vezes o tamanho dela, Tua irmã estava ainda a pouco aqui, Vou lá depois ver eles, diz Ítalo se referindo a família da irmã.

No quintal as flores vermelhas, os lírios brancos, pelo menos de duas espécies, as folhas roxas, verdes, amarelas, as cores da manhã, o céu azul. Depois da tempestade, a sessão de estar chapado. Seu coração estava entorpecido e respirava calmamente.

\*\*\*

Naquela mesma manhã Pedro decidiu, irá cursar artes visuais realmente e iria se assumir gay.

Não se vence antes de lutar. Nada se move. A própria linguagem é uma luta vencida. O que se inscreve no destino precisam de profunda marcas. Marcas irreparáveis ou inesquecíveis. Tem que ter a cor profunda e tocar com profundidade para ficar. Como o soverte de maracujá na praia de Pesqueiro em julho 2009 para Ítalo. A praia. Tardes. O sol. Seus sonhos. Soure e o intenso desejo de se libertar com o mar. As águas insalubres. Mas nem sempre o que se guarda é isso. Em alguns casos, o que se guarda é dor..

Pedro certa noite ficou só em sua casa com um primo do padrasto. O resto da família tivera ido a uma missa, ele ficou, pois estava febril e o primo do padrasto por recusar do convite, também ficou. Ele era um homem mais velho, passava dos quarentas, e Pedro só um garoto. Apenas onze anos.

Estava deitado na rede na sala. A rádio estava ligada, tocava o ritmo da guitarrada. Um som animado que penetrava a casa. Zeca morava numa outra comunidade, um pouco mais distante, tinha filhos e esposa, moravam juntos. Dormiria naquela noite lá para logo cedo pegar um barco para a cidade de Chaves. O menino se embalava distraído. Tantas noites ficou só em casa, deitado, ou rabiscando seus desenhos. Zeca chama Pedro até a cozinha. Pedro vai, pois tem respeito pelo outro, até o chama de tio. Quando chega e olha, Zeca sinaliza seu pênis ereto para fora das calças e o movimenta para cima e para baixa, diz para Pedro, Chupa vai, chupa. O garoto se assusta e corre. Mas ele corre atrás dele, lhe persegue. Somem na noite escura entre o mato. Tudo é espantoso demais. Cruel demais para Pedro. Que se deixa cai exausto. Mas luta. O outro tenta com violência lhe tirar a roupa quando enfim o alcança. Mas o garoto é levante. Então é quando Zeca lhe acerta um golpe na coxa que lhe joga no chão. A dor é intensa. E até hoje Pedro ainda a sente, é capaz de sentir essa dor que não foi só física, lembrar com exatidão daquela dela. Se não fora por ela teria corrido. Se salvado. Salvado o corpo. Sua vida daquela vida suja do outro. O osso fora quebrado. E ele gritava de dor. Zeca decide parar, mas antes de voltar,

coloca uma faca no pescoço de Pedro e lhe diz, Já sabes do que sou capaz, uma palavra, uma palavra... e terás tua sorte dada. Ele ainda ficou bastante tempo ali deitado, como uma caça atingida por uma bala fria vinda do leste estranho.

Com dores insuportáveis. Chora até seca tudo que tivera liquido dentro de si. Suas roupas arrancas. Volta para casa e sua família não tinha chegado. Toma banho e espera mãe chegar. Mas não diz nada e dorme. Mas no outro dia a dor é ainda maior e a perna incha. Ele conta que caiu quando estava voltando do banho. Vem os cuidados, a ida ao hospital, teve a parte da perna engessada. Vem a cura pela mão da mãe. Mas só do que é físico. Apenas do corpo. A outra dor permanece como um demônio que lhe sussurra aos ouvidos todos os dias.

Quando olha para os pelos que descem da barriga até dentro da calça de Ítalo, sente duas coisas, desejo e medo. A imagem outra do homem. Passam a se verem quase todas as noites. Ítalo vai para casa de Pedro e sentam juntos no pátio. Alguma intimidade nasce. Brota no prumo e na bruma dos lírios que cercam os sonos na hora de dormir. Mas o homem é outro sem suas roupas. Sem o medo. Os medos. A camisa que cai no chão com a pressa de poder sentir o que queima, o que se excita. O gozo que corre outra vez para o pacoval, para a plantação. Certo dia antes do sexo tão esperado, Pedro trata, Eu não sei se posso com tudo isso, com toda essa dor que tenho sentido, com toda essa saudade, todo esse peso que o mundo coloca em minha costa, mas é bom ter você aqui, nos dias, em todos os dias, poder ver o que amanhece e saber que você estará tão presente quanto essa luz. Não sei se posso, sei lá, ver outro homem nu me deixa com medo, desculpa se não te deixo me tocar como queres – há na voz um peso, Posso dizer o mesmo, tua companhia, Pedro, tem sido diferente. Eu também sinto medo, minha família nunca vai aceitar nós dois, nunca vão aceitar um veado em família, eles aceitam morte em família, drogas em família, violência em família, mas um amor de veado em família não, eu acho que não. Mas quero lutar por tudo isso de nós dois, agora que temos tantas palavras entre nós, não é mais aquele mesmo silêncio. E não seja tão duro consigo mesmo Pedro, a vida às vezes faz curvas no caminho. O que poderia parecer normal, toma outros rumos, é ter paciência. Eu experimentei o ódio vindo da minha família, a recusa, o medo, o distanciamento, estive longe por muito tempo, mas as coisas buscam as curas de si, Eu estou longe agora, Ítalo, mas ainda assim, o futuro é muito incerto. Mas isso é óbvio demais, sabemos. Preciso enfim enterrar alguns fantasmas, e não importa o preso, hoje tenho a certeza de que é contigo que quero ficar, nós nos escondemos até onde foi possível, e eu posso só até aqui, só até antes de te conhecer, Estou aqui por ti, e estarei sempre aqui por ti, Pedro. Talvez nem deixe de ser, tu não estás apenas longe de sua família, acho que andas longe de você

mesmo e a muito tempo, me diz a quanto tempo tu se afastou de ti mesmo, Não sei se já estive próximo alguma vez, só queria que – Ítalo o corta, Nem continua, eu não terei piedade de ti, se é o que esperas, eu posso ter amor, mas não piedade, és forte, um homem grande, tens que lutar agora. Lute Pedro, estarei contigo, Verdade, só quero que o tempo mude as coisas, apague a luzes de alguns medos, afastem algumas memórias de dor, só afaste, Quais memórias de dor, Todas que envolvem abuso, trauma, dessas coisas que parecem que logo cedo chegam em nossas vidas e nos calam – a voz parecia um raiar de dia, continha fortes raios esperanças, Ítalo foi capaz de sentir isso, Eu te entendo, e lamento, temos o daqui para frente, é nossa única certeza, O daqui para frente, é o que tenho me dito, Amanhã começam as inscrições para o vestibular, irei fazer para Artes Visuais, Que bom, fico feliz por ti, e torcendo que consigas passar, Eu sei... ah nem te falei, mas contei para minha tia sobre nós dois, Meu deus, sério? estou surpreso, Sério. Ela disse que não tem nenhum problema, até eu fiquei surpreso. Mas tem uma coisa, ela é lésbica, esses anos todos escondeu, mas é, e tem uma namorada de anos.

Pedro levanta e olha para frente, como se de onde estivesse ou pudesse olhar para sua casa, para seu tão distante litoral, ver a praia de sua vida, o sol que lhe queimou a pele a vida inteira. Foi até lá, sozinho, tinha que ser assim. Caminhou, ainda era dia e de repente, tudo escureceu, ondas batiam fortes na areia, sentiu medo, mas um medo que já conhecia muito bem, um pouco mais a frente, alguns passos dele. Viu o Zeca, pensou em volta, mas atrás dele estava Ítalo parado, quis caminhar até lá, não conseguia. Então entendeu, na sua mão surge uma arma, ele entende, era a hora, atira no meio da cabeça de Zeca, que caiu, que morreu, virou vertigem. Não sentia medo, olhou para o outro lado, e sentado na areia preste a ser afogar, estava ele ainda garoto, aquele garoto alegre e feliz, o menino gay, ele foi até lá e não se deixou morrer, a caminharam juntos, antes do sol forte.

Ítalo é como um farol. Ítalo lhe acorda do vago sonho, lhe pede um copo com água e os dois levantam juntos da cama. Pedro que não se deixou morrer outra vez. Pegou no ombro de Ítalo, o outro vira em sua direção, então beija levemente a boca do outro, sem aviso, sem nada. Era a primeira vez que um beijo partia dele, que um toque nascia em seu coração afastado. Ítalo apenas fecha os olhos e se deixa sentir. A perna que ficara manca parecia agora andar normal. Pedro sentia um velho nó ser desfeito.

Renascia, enfim, desse passado.

A cidade parecia ser só de dois homens. Dois homens que andam pela cidade de mãos dadas. Que passeiam na praça. Que vão até a orla. Que fumam no parapeito. Ítalo aponta para a rua, uma pessoa caminha, mas longo some na esquina. Pedro sente medo de ser visto. Como se os olhos pudessem lhe tomar algo. Roubar aquela paz gostosa. Quase impossível. Pedro lhe diz, É melhor a gente ir embora logo, Ir para onde? – pergunta Ítalo, Cada um para sua casa... – disse seco, Tudo isso por um vulto que passa e que já se sumiu? Só por aquilo? Por uma pessoa nos ver, Pedro?, Claro que não – disse mentindo e continuou – Só acho que já tá tarde mesmo, Como assim tarde? A gente tem madrugado todos esses dias e agora que ainda nem são oito horas da noite, tu chamas de tarde?

Pedro ficou calado. Outra pessoa se aproxima. Caminha em suas direções. Sente seu coração bater forte. Se esconde naquele lugar que habitou muitos anos, dentro de si mesmo e não se mostra capaz de sai. O desconhecido parece caminhar em suas direções. Na verdade, nem era um desconhecido, era o do irmão de Pedro que de longe lhe reconheceu e resolveu falar. Não disse muita coisa e logo partiu.

Pedro enviou uma mensagem para Ítalo no *WhatsApp*. Mas nenhuma resposta, por hora. Deitou com celular do seu lado, mas nenhuma notificação. Nenhuma resposta. Então sentiu sal nos olhos. Um sal branco que lhe incomodou o olhar e trouxe o mar até suas pálpebras. A força da sua vida, a imagem da mãe, a certeza que estava caminhando em passos falsos. Decidiu então terminar tudo aquilo. Não teria como dar certo. O que ilumina sempre é medo, o que faz amar geralmente pede rupturas.

A tia entra no quarto e lhe chama para jantar. Não podia dizer que estava sem fome, eram só eles dois, ela fizera a comida com carinho, ele sabia. A cidade voltava a ter movimentos. Então teria açaí naquela refeição. Ele segura firme a tristeza e levanta. Ele é forte. Puxara nos mares redes pesadas, com ventos fortes batendo em seu corpo e as ondas jogando o barco com violência. Ele é forte. Mas o mar pesa. E o peso aumenta, só e apenas aumenta, de repente caiu como rio, lhe molha todo o rosto. Então Pedro chora pela primeira vez por um homem e algo estranho dói profundamente dentro de si. E ele desconhece e se molha, perdido, dentro daquele mar. Um sentimento. Seu sentimento, tão ou mais forte que ele.

Ítalo estava na cozinha fazendo o jantar com sua mãe. Iriam comer omelete com bastante cebola. Ambos gostavam. O seu celular estava no quarto. Ele sempre lembrava de Pedro. Apesar das ocupações e do luto. O lírio que nasce no meio de sua vasta pele, olha para Pedro como um todo possível a se vivido. Lhe entendia, sabia como era se sentir estranho. A se estranhar num mundo. Num mundo vazio. Mas tudo era ocupado outra vez. Vera ouviu da boca do filho há alguns anos que ele era gay. Fora uma guerra. Ela não queria aceitar. Mesmo que sempre soubesse, aquele garoto nasceu dela. Mas ainda assim, tinha esperança dele encontrar alguém, ou desistir. Ítalo era um homem forte. Tão diferente dela, do pai, da irmã. Mas ao mesmo tempo semelhantes demais a todos. Demorou, mas se acalmo tudo o que lhe agitava por dentro. Mais tarde iria ver o Pedro. Pedro passava a

se tornar parte em sua vida. Parte de sua vida. Era diferente das outras vezes, ele não tinha qualquer controle. Só obedecia.

A noite quando se encontraram não acenderam nenhum cigarro. Ficaram sentados juntos em paz. Ítalo tinha algo para lhe falar. Mas demorava. Se demorava em dizer. Tinha medo de como o futuro iria se desenhar, Tenho algo para contar, Pedro, e tem que ser agora, Fica à vontade, Mandei meu currículo para um processo seletivo e fui chamado para trabalhar em um ambulatório, Sério? fico tão feliz por você. Em Macapá?, Não, em Belém mesmo, mais perto, fui chamado para trabalhar no Ambulatório de fibrose cística de um hospital universitário, Fico feliz por você -num tom meio perdido, Também fique muito feliz por nós, vais junto comigo, vamos ficar juntos, se tu quiseres, é claro, Não sei se posso, ainda não sei se quero. É tudo muito novo pra mim, logo cedo pensei em desistir de tudo isso, da gente, tenho medo.

Ítalo caminha em sua direção e lhe abraço. Era a melhor palavra a ser dita. A melhor maneira para tudo, Eu sei como é sentir esse medo, mas confia em mim, vamos superar juntos – disse Ítalo com firmeza, mesmo tendo o coração naquele momento nocauteado.

O besouro é só metáfora, outra palavra, mas ilegíveis. O cheiro do lírio que adentra a casa é real. É perfume profundo. Um besouro tonto. Outra vez ele. Outro besouro quem sabe. A janela aberta era tocada por dentro, pelos galhos de um ipê. Tudo se confunde com um cheiro de chuva. Vera colocou a televisão no quarto e Ítalo levou sua cama de solteiro para lá também. Passavam as noites juntos. Um precisava do outro naquele momento.

Vera então lhe fala, Não sei se teu pai aceitaria o Pedro, aliás, aceitaria qualquer um homem contigo, Ítalo lhe respondeu, Eu imagino. Então ela lhe conta algo que até então se movia dentro da casa como um segredo. Lhe falou que durante tantos anos João enchia o pai de veneno e mentiras. Inventava conversas e as usava como arma, podridão, por pura crueldade. Fazia insinuações sobre a sexualidade Ítalo. Tantas vezes, Mas tinha algo a ver com ciúmes. Com a forma que teu pai cuidava de ti, meu filho, Vera lembrava. Ítalo lhe fala que sempre sentiu que o João não gostava dele. E era verdade. Quando viajavam juntos nunca era agradável. Sempre João lhe tratava mal. Então Vera foi mais profundo, e diz, Lembras do teu carneiro? Aquele que teu pai te deu, Ele diz que sim. Ela lhe conta, Foi o João quem lhe matou, deu veneno. A mulher dele anos depois me contou. Mas eu não quis revelar. Abandone o que já passou, meu amor, deixe isso para o tempo cuidar. Ítalo fica ainda mais confuso.

Talvez nunca tenha existido amor entre eles. Certamente nunca existiu. Mas o que explicaria tanto ódio? Ítalo entendia, porém, logo se perdia outra vez. O besouro passou ser metáfora, só metáfora. Mas o ódio do irmão passou a ganhar corpo e forma. Uma afirmação longa e quase sangrenta. Pensou no quanto o pai mudou, no quanto ele e o pai se afastaram. *O que se perdeu e não iria mais voltar*, o pai hoje, lembrança. Nas tantas mentiras. No seu refúgio. Na sua fuga. No tanto que lutou para ir para longe. A distância lhe fez crescer os olhos, as pernas e as forças. Não era mais um garoto. Era de igual forma um homem. Como fora Ivan e é João.

Não existe mais volta, nem retorno. Tudo é pesado. Pesa demais o passado em glória e sofrimento.

Quantas vezes ficou doente sozinho na *rep* ou teve que ir na UPA, igualmente só? Ou faltou dinheiro para comprar alguma coisa, usar boas roupas. Mas tudo já é passado, Pedro lhe vem à mente, a vida iria seguir de outra maneira, ele pensa. Mas o mais importante teve. O que ensina a distância. As pesadas tatuagens que fazem o ferro quente das ruas escuras. Onde levam os caminhos ruins. As drogas. Aprendeu o controle. Vera depois disso ficou calada, só disse que o amava e que o passado ficará para trás. Ítalo dorme pesado. Onde encontrar o alívio? Demora para esquecer tudo que se passava em sua mente. Quem lhe tiraria a razão? O direito de vingança? De reparo?

Uma única certeza se existe: Ivan morreu. Qualquer luta seria para levantar guerra. Só guerra. E nenhuma guerra é justa.

No dia seguinte Ítalo encontra com Pedro e ele lhe diz, Eu sei que vai ser difícil, Ítalo, mas eu quero tentar, quero ir contigo, ir contigo para onde fores, não posso deixar tudo isso passar, eu não me perdoaria, Então vamos. Vamos tentar e lutar por uma vida melhor, acho que nós dois merecemos – deu uma pausa, como se estivesse procurando algo dentro de si, retorna – Todos nós temos nossas feridas, mas quero a cura, quero ir viver, lutar contra esse passado que tanto nos machucou, Vamos lutar, só eu sei o que medo que sinto, mas tu tens sido minha esperança, me dando tanta força, me sinto seguro contigo. Quero muito ter nossa casa, ter nossa família, ter, quem sabe, um filho... – falou como se contasse um segredo, ou como se estivesse relevando algo, Vamos ter um filho, um filho criado por dois homens. Ser uma família, Isso, um filho de dois homens, Imagina quando ele for passar um fim de semana na casa da avó em Chave? – disse rindo Pedro, Já pensou? Mamãe enchendo ele de perguntas e falando do céu e do inferno? Conheço um casal homoafetiva que adotou uma criança, o Diego e seu marido venezuelano, Lubin, eles falam sempre das dificuldades que passam, em uma rede social, mas também da alegria deles de serem pais. E eu os admiro muito, Pedro, eu te amo, Ítalo, eu também te amo.

A tarde lilás se deita sobre os corações dos dois jovens homens, ao beijar como uma filha seca o destino deles, o que risca o ar, toca até o mais profundo do misterioso fato de amar.